

O commandante do couraçado Florianos



Huet Bacellar Pinto Guedes

Capitão de mar e guerra

O **ILUSTRE** official da marinha brasileira que commanda o couraçado **Florianos**, e veiu agora á Europa encarregado da missão especial de agradecer aos governos de varios paizes as provas de estima dispensadas ao Brasil, por occasião de assumir a presidencia d'aquella republica, o sr. dr. Campos Salles, tem uma longa lista de serviços feitos ao seu paiz. Estudante, muito distincto e premiado, do Imperial Collegio D. Pedro II e depois da Escola de Marinha, completou os dois annos do seu curso a bordo de uma corveta, *Bahama*, então commandada por Alves Nogueira e onde os instructores eram Julio de Noronha e Saldanha da Gama. Como guarda-marinha fez então grandes viagens á véia pelas costas do Brasil, da Africa, e ilhas do Atlantico. Segundo tenente em 1872, embarcou na canhoneira *Mearim*, sendo um anno depois promovido por distincção a 1.º tenente. Mais tarde, sendo immediato da canhoneira *Araguary*, o governo brasileiro nomeou-o para acompanhar a corveta *Nicteroy* na sua viagem de instrucção pela Europa, accumulando o seu posto a bordo com o de professor e instructor dos guarda-marinhas que n'esse navio faziam a sua primeira viagem, e tão distinctamente exerceu esse cargo, que eguaes funcções lhe foram dadas a seguir a bordo da corveta *Vital de Oliveira* que esteve em Africa, na India, no Mediterraneo e na ilha da Trindade. Entre estas duas commissões veiu á Europa na corveta *Trajano* que rebocou para o Brasil o monitor *Jaryary*.

Fez como official da *Vital de Oliveira*, a importantissima viagem de circumnavegação que durou de 1879 a 1881, e que conduziu á China a missão diplomatica no Brasil.

A sua vida de bordo soffreu depois uma interrupção. O illustre official indo a um concurso para estudar construcções navaes foi o primeiro classificado, vindo então para a Europa onde se demorou em estudos, findos os quaes regressou á sua patria exercendo então o logar de professor na escola pratica de artilheria. Mas pouco se demorou. Em breve voltou á Europa, encarregado da fiscalisa-

ção do armamento contractado com a casa Armstrong, para o cruzador *Tamandari*.

Quando em 1889, mudaram as instituições brasileiras esteve elle com licença, mas era tão apreciado o seu alto bom senso e a sua vasta illustração que o novo governo encarregou o de ir ao Pará, como governador, organizar o novo Estado, de accordo com o regimen republicano, entregando-o depois ao governador eleito.

Obtendo por distincção, nova promoção, a de capitão de fragata, commandou os cruzadores *1.º de Março* e *Benjamin Constant*, commando que deixou para vir novamente á Europa fiscalisar a construcção de alguns navios. Promovido a capitão de mar e guerra assumiu o commando do couraçado *Florianos* hoje em Lisboa.

Mas não é só como marinheiro e como administrador que o sr. Bacellar Guedes se tem distinguido. Como escriptor tem tambem trabalhos de valor, sobre artilheria de marinha, alguns dos quaes foram em tempo traduzidos em Inglaterra e que lhe mereceram entre outras distincções, o officialato de Christo com que o governo portuguez, no reinado de El-Rei D. Luiz, o agraciou.

É este o marinheiro illustre que commanda o couraçado *Florianos*, e que está ligado ao nosso paiz por tradições de familia muito distinctas.

O sr. Bacellar descende de João Huet Bacellar Pinto Guedes Sotto-Maior, fidalgo cavalleiro, coronel reformado que foi para o Brasil em principios do seculo xix casando lá. Descende dos mais illustres varões. Duarte Claudio Huet, um dos seus antepassados, era de origem alemã e veiu para Portugal para o serviço do infante D. Duarte a quem serviu tão lealmente que o infante o deixou como seu testamenteiro.

A capital tem-lhe testemunhado todas as provas de apreço pela sua personalidade e pela missão que lhe confiou o seu governo, o que mais tem ainda a estreitar os tradicionais laços de amizade que une a florescente Republica Brasileira a Portugal.

EÇA DE QUEIROZ



SCRIPTOR de fina tempera, porém da tempera rija e forte com que são forrados os Mestres, Eça de Queiroz com o poder do seu talento raro, com o brilhantismo da sua prosa excepcional, conseguiu impôr-se, dominar toda uma geração litteraria, fazendo-se respeitado e querido.

Certo que no velho Portugal, no Portugal tradicional dos navegadores e dos litteratos de escôl, nós não encontramos hoje escriptor mais querido, mais lido talvez por aquelles que têm uma organização artistica superior.

Romancista, abriu fileiras entre os contemporaneos, fazendo um nome que é uma honra para a sua patria, avançando mais e mais, sempre e sempre, até ser o Mestre que nós todos amamos, de phrase crystallina e joelrada, o successor extraordinario de Camillo.

Humorista de primeira plana, temível na critica, Eça tem na sua larga bagagem litteraria este repositório precioso da graça, do chiste, da pilneria, da ironia a mais fina e causticante, da *verve* sadia e boa, — essas *Cartas de Fradique Mendes* que a gente lê, relê, e mais gosta e mais admira, zurrizados como são todos os Pachecos de hontem, de hoje, de amanhã.

Observador penetrante e raro, d'um profundo conhecimento da natureza humana, analysando-a até o intimo n'um estudo psychologico superior, o Mestre deixou nas paginas dos seus livros, no *Primo Basilio*, no *Crime do padre Amaro*, na *Reliquia*, nos *Maia*, nas *Cartas de Fradique*, no *Mandarin*, o estudo de toda uma sociedade, a dissecação — permitta-se a phrase — d'uns tantos individuos, a analyse de vicios e de raras virtudes, o balanço social d'uma época.

Sobre a nudez forte da Verdade o manto diaphano da Phantasia, — dizia Eça ao abrir as paginas da preciosa *Reliquia*. E toda a sua obra, cheia de verdades, muito sincera e muito leal, parece que seguiu de perto a phrase caracteristica do profundo escriptor de além.

Observador exacto, analysador perspicaz, sabendo como poucos escrever a sua lingua, surpreendendo o leitor attento com a riqueza d'um vocabulario farto, Eça foi o Zola da sua patria na analyse viva, cruel mas verdadeira, da besta humana.

Na construção da phrase, na puresa da lingua, poucos n'estas terras do Brasil e Portugal poderão rivalisar com o escriptor do *Primo Basilio* e do *Crime do padre Amaro*, aquelle que por justiça temos de considerar — o introduçor, o acclimador do *realismo* no romance portuguez.

O critico d'*As Farpas* — o pamphletico tremendo de Eça e Ramalho — com o inesperado da observação, a surpresa do comentario, o arrojado da vergastada, fez época no Portugal contemporaneo, revolucionando toda uma mocidade e evoluçionando a lingua portugueza.

A proposito de Eça, algures escreveu Luiz de Magalhães, o auctor d'*O brasileiro Soares*: — "E' uma natureza complexa, multiforme, ondulante, ás vezes contradictoria, onde as mais oppostas correntes psychologicas se embatem e se cruzam. Ha n'esse homem uns poucos de homens, — o que quer dizer que ha n'esse escriptor uns poucos de escriptores. E, n'esta pluralidade de naturezas, torna d'uma extensaõ quasi indefinida a sua escola artistica."

Quem conhecer a fundo a obra do apurado *conteur* ha de considerar justa esta observação.

Desde o humorismo até á *charge*, Eça de Queiroz é o Mestre poderoso. Elle creou typos inesqueciveis, já agora da intimidade do povo, — como esse colossal e humano conselheiro Accacio, como tantos outros dos *Maia*, da *Reliquia*, do *Primo Basilio*, de *Fradique*, emfim de toda a sua obra inapagavel, podendo-se consideral-o tambem, sem favor, no humorismo e na ironia, o nosso Tachery.

De ha annos para cá, Eça ficou sem adversarios. Com o poder do seu talento, com o seu processo de trabalho, com a sua observação penetrante, com o seu estylo claro, limpido como a agua d'um correjo puro, elle dominou de todo, por completo, o nosso publico que lê e os nossos litteratos de merecimento.

Eu creio bem, — e ahí está uma opinião francamente contraria á do auctor das *Pasquinadas*, Fialho de Almeida, — que a obra de Eça perdurará, será por muito tempo estimada e querida. Certo que ella não será eterna como a d'um Shakspeare, mas tambem não terá a ephemera duração da decantada rosa de Malherbe...

A obra do Mestre ficará como um forte estudo d'uma época viciosa, gasta, cheia de muitos vicios e de rarissimas bellezas.

Nos seus livros ha psychologia, ha a analyse aprofundada da alma. E foi devido unicamente a essa psychologia que se tornou sempre vivida e immortalizada a obra genial do rei da tragedia, do auctor inequalavel e assombroso do *Hamlet* e do *Othello*.

Eça de Queiroz com Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Anthero do Quental, Guerra Junqueiro, fez o grupo celebre em Portugal, formado de homens de letras de merecimento comprovado, indiscutivel.

Curiosa a nota biographica de Eça, coisa entretanto que não desejo minuciar. Era bacharel em direito e outr'ora fora jornalista, — jornalista em Evora, escrevendo artigos politicos, de fundo.

Viajante, na mais larga significação da palavra. Andou pela America do Norte, pelo Egypto, na Inglaterra, na França, quasi que por toda a Europa, por aqui, por ali, por acolá. Entrou depois para a diplomacia, — consul em Havana, New-Castle, Bristol, etc.

Na *Gazeta de Portugal* foi, porém, que começou a ser lido, discutido, tendo nomeada. Nas *Farpas*, nas celebrissimas *Farpas* firmou o seu nome. Veiu depois, ainda com Ortigão, com o romance-folhetim, sensacional e escandaloso, o *Mysterio da estrada de Cintra*. Deu-nos então as suas obras de folgo, o *Crime do padre Amaro*, o *Primo Basilio*, os *Maia*, a *Reliquia*, etc. Ha livros seus que tiveram tiragem superior a trinta mil exemplares, nos dois paizes irmãos. E basta.

A *ilustre Casa de Ramires*, seu ultimo trabalho, é um romance de Mestre. Estas paginas tem aquelle mesmo poder de linguagem e de observação que sagraram as suas outras obras. Dez annos se deixara ficar em silencio o grande analysador dos corações para depois, quando já o julgavam arredo das letras, nos brindar com A *ilustre Casa de Ramires*, onde se accentuam mais a sua bella ironia e o seu extraordinario poder de observação.

Foi em 1897 que a *Revista Moderna*, — uma bonita e luxuosa publicação de Brasil-Portugal, que sahia em Paris, — consagrou um dos seus numeros ao artista do *Primo Basilio*, guardando em suas paginas procuradas a collaboração de homens distinctos nas letras e nas artes, sobre o ironista das *Farpas* onde, disse Guerra Junqueiro, ha a *epitaphia do talento*.

Era um methodico o grande romancista. Escreveu o seu amigo Eduardo Prado que elle trabalhava diariamente, inverno ou verão, das quatro ás sete horas, escrevendo com a sua letra aberta e equal, que revela na observação dos graphologos — ordem e imaginação.

Out'ora, embuido de coisas parisienses, como o seu grande amigo Ramalho, foi um *frances*, um verdadeiro *frances*... escrevendo livros portuguezes: agora, porém, nacionalisara-se de todo. Viera o estudo, a reflexõ, a comparação reflectida dos homens e das coisas, e Eça tornara-se um bom portuguez, um amigo incondicional da sua patria.

Na sua casa em Neully, no seu bello gabinete de trabalho, farto da vida de prazeres, todo entregue á familia, aos filhos, Eça de Queiroz, na phrase d'um escriptor de hoje, de romancista tornara-se tambem "critico, moralista, ensaista e chronicista de um vigor, de uma originalidade e, sobretudo, de uma elegancia sem rivais na lingua portugueza."

A sua obra — onde ha verdadeiras theses — documentada, verdadeira, sentida, palpitante de vida, toda ella humana, não se apagará em Portugal e Brasil — os dois paizes que devoraram os seus livros.

Maria Amalia, n'um estudo sobre o Mestre, disse que só haveria um escriptor com quem elle poderia ter talvez pontos de contacto no processo de trabalho: o burilador da *Madame Bovary*, Gustave Flaubert. Era um original o romancista do *Crime do padre Amaro*.

Se ha escriptor em Portugal que me proporcione leitura forte e deliciosa, dos de hoje, que satisfaca largamente a minha gulodice litteraria, que corresponda ás minhas idéas sobre arte, que me fale ao mesmo tempo ao espirito e ao coração — é exactamente o humorista das *Cartas de Fradique Mendes*, o Mestre do *Primo Basilio* e do *Padre Amaro*, o critico d'*As Farpas*, o poeta e phantasiasta d'*A Reliquia*, o *conteur* do *Mandarin*.

Morto Eça de Queiroz elle não deixa vago o primeiro lugar da litteratura portugueza. Tem um successor: — é Eça de Queiroz.

Manoel, 1901.

HAUL DE AZEVEDO.

A CHEGADA DOS BOERS

ESPALMADOS pelas Caldas da Rainha, Peniche e Alcobaca, n'essa linda região que vai de Torres Vedras a Leiria, os emigrados boers são hoje os hospedeiros queridos dos povos d'essas villas que se esmeram em suavizar-lhes a tristeza do exilio. Logo da patria que elles tão valorosamente defenderam na integridade do seu territorio e na independencia da sua administração, patria de um, pelo berço, de outros, pela adopção e de todos, pelo covação, unidos no mesmo ideal que os tornou heros, essas transvaalians fortes e robustos, prototypos de uma raça nova que vinha acompanhando as das bandadas do sertão africano a civilização europeia, acolhem-se á bandeira do país aliado da vinha dos soldados os expulsos, e encontram na grande generosidade do povo portuguez o acolhimento mais fervoroso e entusiastico. O seu desembarque em Lisboa e a sua chegada ás villas escolhidas pelo governo para sua moradia é uma verdadeira jornada triumphal. Acclamam-os os povos, obsequiam-os, festejam-os, applaudem-os, esforçam-se por fazer-lhes esquecer a perda da patria com ruidosas manifestações de sympathia, e os boers, que não conhecem a nossa lingua e as populações que desconhecem a d'elles, entendem-se pela estima e comprehendem-se pelo respeito tanto dos seus direitos e dos seus deveres.

Portugal é ha muito vizinho do Transvaal. Ligeiro é uma linha férrea, a que vai de Lourenço Marques para a fronteira com o canhão de ferro que conduz a Pretoria. Foi a Lourenço Marques a porta onde elles bateram para pedir refugio. Não é portanto uma terra completamente estranha para elles a terra portugueza, e por isso, em Lourenço Marques perto da sua patria, ou em Lisboa a tantos leguas distantes, esses soldados estão, pôde dizer-se, n'um paiz vizinho e amigo, n'um paiz de sympathias e conveniencias politicas não podem nunca induzir na gentileza e cortezia com que os povos civilizados costumam receber os seus hospedeiros. E não ha hospedeiros mais queridos das populações de um paiz livre do que os emigrados politicos — quer os que fogem ao malogro de uma concepção infeliz, quer os que desarmam os reveses de campanha.

Uma das gravuras que se vê n'esta pagina, representa alguns dos emigrados entrando no comboio que em Alcobaca os esperava. A policia contem a custo o pulso que os aguardava para os saudar. De pé, á portinhola de uma das carruagens de 1.ª classe, vê-se o general Pienaar e o official portuguez, ajudante do sr. Ministro da Guerra, encarregado de transmitir ao principal de entre elles as resoluções do governo sobre o destino que vão ter.

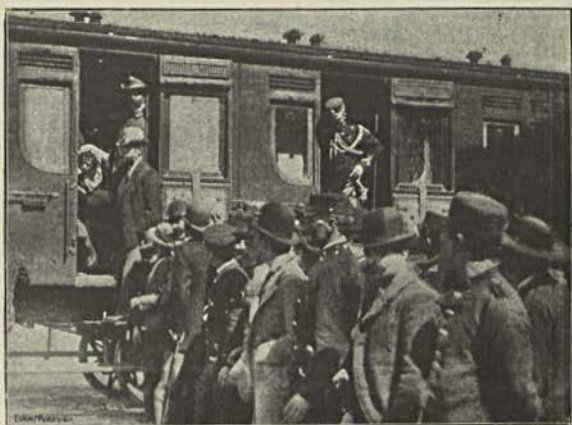
A outra gravura é um grupo do general Pienaar e de sua familia, que estão residindo em Thomar. O general he destacado de entre os companheiros pelo apuro da sua direccão e pela plénissima sympathia e intelligente. A seu lado estão a filha e seu secretario, Philip Pienaar, seu sobrinho, e da esquerda o seu ajudante Eksteen. Sentada sua esposa, sua filha e o filhinho mais novo. No segundo plano, de pé, os dois filhos mais velhos.

Os soldados boers que estão em Alcobaca e nas Caldas, especialmente, não sempre muito visitados pelas populações proximas. Essas villas que tem attrativos especiaes para os viajantes, aquella sob o ponto de vista historico e esta por ser uma estação thermal, com todas as condições modernas para uma villégiatura de mezes, tem sempre uma população fluctuante, que augmenta em concorrencia nos tres mezes de verão, de junho a agosto. Em Alcobaca, terão elles admirado o bello mosteiro, com tudo o que elle encerra de tradicional e suggestivo.

Cada pedra d'aquelle monumento conta uma paisagem brilhante da nossa historia, e quando forem passar mais longe, encontrarão a alguns kilometros, sozinha, n'essa isolamento que parece augmentar-lhe o valor artistico, essa oppoela extraordinaria, em marmore, que se chama a Batalha e cujos rendilhados accordam em todo o nosso ser o assombro pela arte e o amor pela patria.

Ora, aos attractivos que essa região offerece ao visitante accresce agora o attrativo de uma visita aos pobres emigrados. Ajuda-las dize, uma senhora gentil e illustre, residente em uma villa proxima, ali esteve com um brasileiro, sendo recebida pelos boers com prova de requintada amabilidade.

Felizmente educada, essa senhora que é irmã da esposa de um seu marido illustre, gloria da diplomacia e do governo da republica-americana, o dr. Assis Brasil,



O general Pienaar no comboio que o conduziu a Thomar

seu representante em Washington, e filha do conde de S. Manuel, "als esplendidamente o inglez e o allemão. Compreendem-se por isso a alegria com que os pobres soldados conversaram com a sua visita que lhes falou demoradamente da guerra e das peripcias das campanhas, mostrando-se desejosa de adquirir um objecto que a algum d'elles recordasse qualquer facanha de guerra, mais ouvida e mais brillante. Conta-se que um dos soldados tinha a manta que levava quando o cavallo em que montava cahiu fulminado por uma bala.

A illustre senhora perguntou se l'ha queria vender, e o boer disse que não, porque l'he tinha grande estima, mas quando ella se retirava, pediu-lhe licença para l'he offerecer.

A muitas outras pessoas, os emigrados tem obsequiado com pequenas recordações da guerra e que ficam sendo tambem recordações do seu exilio em Portugal.

Entre os emigrados ha um, de nome A. J. Polak, cuja historia é curiosa, tanto mais que elle acaba de fugir para Hespanha, de onde mandou uma carta explicando os motivos do seu desaparecimento. Não entrará na guerra e não se considerava portanto emigrante. Tendo ido para Lourenço Marques em flux de 1899, trabalhar como telegraphista, a convite do nosso governador e por cedenencia especial do de Pretoria, serviu 10 mezes no nosso telegrapho. A occupação de Komatipoort e o agravaamento da lucta anglo-boer obrigaram as autoridades portuguezas a dispensar-lhe os serviços, mas Polak ficou em Lourenço Marques, diz, á espera de um emprego que l'he haviamis prometido.

De-se o refugio de grande numero de soldados boers e o seu exilio para Lisboa, e Polak recebe ordem para partir. Oppoz certa resistencia, mas, diante da ordem formal recebida, veio para Lisboa, onde expoz a sua situação especial aos Ministros da Guerra e da Marinha, instando pela sua liberdade. Como demorasse uma resposta, Polak resolveu fugir, fazendo a viagem das Caldas ate Lisboa. Aqui metto-se n'uma carruagem e foi a Campolide tomar o comboio para Santarém, metendo-se n'essa estação no expresso para Hespanha. De Badajoz seguiu então para Madrid.

Este itinerario é elle proprio que o conta.

A fuga de Polak é a primeira e unica, e, como se vê, por motivos especiaes. Os outros boers, cerca de mil, mostram-se bem dispostos e satisfeitos com a hospedeira do governo e da nação portugueza.

A virtude mais necessaria ao homem publico, n'uma democracia, é o desprezo das injurias.

Avalia-se melhor um homem pelo que elle diz do que pelo que os outros dizem d'elle.

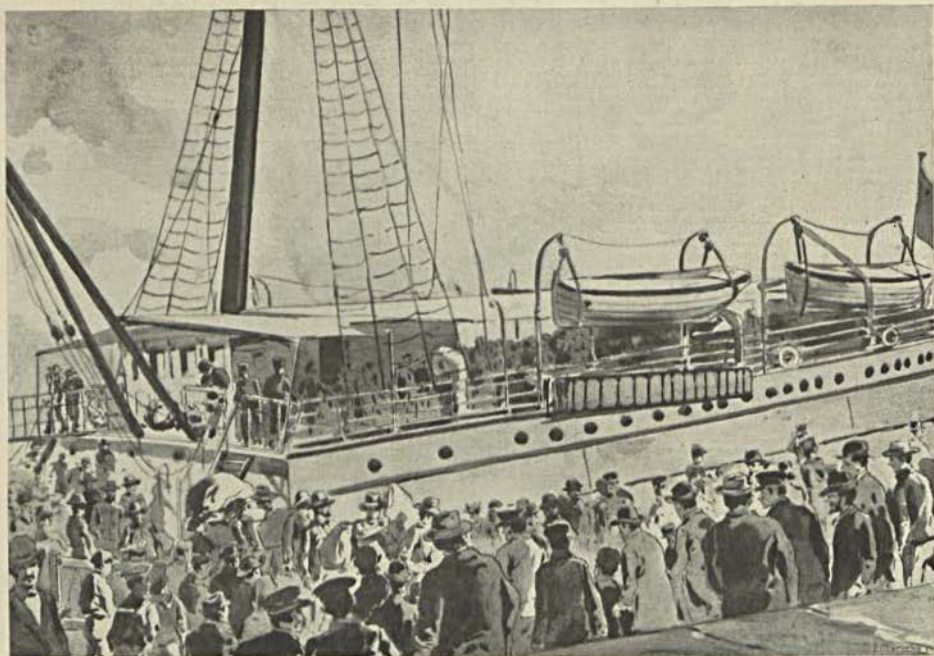
LORENÇO VARELA.

Todas as felicidades se assemelham, mas cada infortunio tem a sua phisionomia particular

TOLSTOY.



O general François Pienaar, sua esposa, filhos, ajudante e sobrinho



O desembarque dos boers em Alcantara

Almas irmãs

Muito branca, nervosa, o andar incerto,
Pendente o corpo para a terra fria,
Como o spectro da Dôr, ella seguia,
— A alma deserta, o coração deserto!

Foi nesse instante, que eu a vi de perto
Muito branca, nervosa e tão sombria!
E meu peito que, ha muito, não batia,
Vendo-lhe a magua, se sentiu disperto.

E eu disse, a soluçar, como ferida
A minha alma por lanceante púa:
— Igual pezar nos amargura a vida,

Nos fere o peito a mesma dor tão crua:
Seja a tua alma a minha alma unida,
Seja minha alma bem unida á tua!...

Moleiras

Moleiras pallidas, enfarinhadas,
Astros nascentes, que passaes cantando,
Vossas cantigas vão-me recordando
Sonhos formosos d'almas namoradas.

Moleiras pallidas, enfarinhadas,
Soes que outro sol ardente vae beijando,
Hei-de pedir-vos um segredo, quando
Passaes sorrindo á beira das estradas;

Heis-de dizer-me, filhas de Maria,
Por cujo olhar só passa a luz do dia:
Se os moinhos da côr da luz do luar

Que, pelo azul do ceu, em abril vagueia,
Os enfarinha a branca lua cheia,
Ou a luz branquinha d'esse vosso olhar.



Saudades dos Açores

II

D'um sonho só, como d'um só trago, tinha eu dormido essa noite, desde que me mettera no beliche, até que alguém viera despertar-me, batendo á porta do camarote.

— «Entre, quem é!»

Era Moniz de Bettencourt, lavado e fresco como uma alface, vestido e prompto, desmentindo o proverbio de que nem por muito madrugar se amanece mais cedo. Já tinha estado na tolda, já encherá num bom hausto a caixa de ar, já avistara terra!

— «Venha d'ahi, seu incorrigivel mandrião! dizia-me elle. Você nem já parece ilhéu! Toda a gente lá em cima, e elle ainda aqui, mettido na cama, ás seis horas da manhã!»

— «O homem de Deus, espere! Espere, que eu já lá vou tambem... Você imagina que descobriu São Miguel? para se pôr a gritar d'essa maneira, como se fôsse o gageiro do Commendador d'Almourou...»

— «Terra, terra — alegre brada da erguida gavea o gageiro!»

— «Bem digo eu que você nem já parece ilhéu. Não toma nada a sério. Desditosa patria, que tal filho teve!»

Não quiz eu ouvir mais, ergui-me d'um salto, e cai a fundo na bacia da cara. Refresquei-me, ensabei-me, apromptei-me em dois minutos, trepei ao tombadilho.

Mendo-Bem não me faltara á verdade. Já lá estavam todos — homens, mulheres e creanças. Era eu o ultimo. Os homens cercaram-me de affrontas, as senhoras encheram-me de troças e de belisões, os garotos puxaram-me pelas abas do casaco. Cobriram-me todos de opprobrio. Tive que desfazer-me em desculpas.

— «Pois apezar de tudo, dizia *Mendo-Bem*, apontando-me ainda ás

iras dos circumstantes — este diabo é tão feliz, que chega mesmo no momento em que o espectáculo attinge o seu maior esplendor!»

E assim devia ser, com effeito, porqu'enunca os meus olhos haviam presenciado, como nesse instante, do meio do mar, a plena magnificencia do sol illuminando a terra. As brumas indeci-

sas, ou fugiam para o alto e se enrolavam em turbante no cabeço das serras, ou se abatiam e rastejavam na falda das montanhas, misturando-se e desfazendo-se com as ondas que quebravam nos rochedos. No espaço, agora livre das cambiantes cinzentas, a Terra, enlanguescida, revolvía-se, espreguicava-se no leito fôfo dos musgos, entre as rendas subitís dos seus lenções de espumas, offerecendo ao beijo do Sol o dorso aveludado... A orchestra da Manhã rompia então, docemente, a symphonia magica do verde, em que o *alegro* canta a vida das pastagens, o *andante* acompanha a fructificação dos pomares, o *scherço* explica a exuberancia dos jardins, e em que o *final* engloba, frondosos e balsamicos, os arvoredos dos montes!

Mas já a musica não basta para traduzir em harmonias as transições do verde, que ora vibra em tons claros de laranjaes floridos, ora se atunda nas notas baixas do arvoredos dos valles, ora brinca nos trémulos dos fétos de mil especies.

Não sei eu bem se o pincel e as tintas poderiam copiar na tãla as opulencias do verde, que ora accentúa os planos, ora modifica as perspectivas, ora contorna, em doces esbaltidos, a curva das cumieiras.

Nem a palavra possui encantos e artificios que dar possam, no tropo ou na imagem, as sensações do verde, que ora se desdobra em tapetes de matos e de arbustos, ora se alastra e se inastra em trepedadeiras e rosaceas, ora se dobra e se adelgaça em vimes e cannaviaes...

Das brumas do Oceano, a ilha emerge agora na plena e serena pujança da sua fertilidade, nas attitudes phantasticas dos seus caprichos vulcanicos, nos requebros e donaires do seu corpo de odalisca — *menuphar* do *Atlantico*, desabrochando no espaço a corolla de basalto.

Já se define inteiramente a linha da paisagem; já os aspectos da costa se accentuam nos macios relevos da vegetação;

já as fragancias vagas de flôres e fructos perfumam as virações da terra.

E sobre o verde motivo da primeira symphonia, vibram então as variações intensas do vermelho ardente das rochas plutonicas, do almage e sépia dos mineraes requemados.

Para traz de nós iam ficando já os mais altos montes e outeiros — o pico da Vara, a serrada Agua



A Doca de Ponta Delgada

de Páó, as montanhas que circumdam o Valle das Furnas e o Valle das Sete Cidades—guindando-se do centro para as extremidades da Ilha, em differenças de altitude que vão de trezentos metros a mil e duzentos metros.

Dobrada a Ponta do Sol, dir-se-ia que a marcha do Açôr se acelerava de subito, e que os movimentos da sua machina se compassavam, agora, pelas mais agitadas pulsações do nosso coração.

Risonha, ingenua, cantante, arregaçando com graça o seu fresco vestido côr de rosa e branco, engrinalhada de hortencias, trazendo no regaço a colheita de fructos em que andava quando nos viu ao longe, a cidade corre pela encosta, galga a enseada, chega veloz ao nosso encontro numa revoada de garça, estende-nos os braços, caímos-lhe nos braços. E nessa manhã perfumada e orvalhada de verão, como na fabula de Pan, a nossa propria existencia se confundia por momentos com a existencia d'ella.

Entre a gente jovial de terra apinhada nos muitos botes que já rodeavam o Açôr, quando ainda elle não lançara ferro, e que pouco depois subia de roldão em busca de parentes, de amigos e de noticias esperadas de Lisboa, vinha Mont Alverne de Sequeira, o caudilho do movimento autonomista dos Açôres, aquelle que mais a peito tomara a nossa causa, e a quem nós mais deviamos pela sua indomável energia e altiva força de vontade.

Eu tinha um vivo desejo de hecner Mont Alverne; e quando Moniz de Bettencourt nos apresentou, de surpresa, escapou me dos labios uma exclamação que, como depois elle me disse, não lhe passou desaperecida, e que até muito

bem a tinha interpretado. A seu respeito dera-se comigo um caso, que nem por ser muito frequente deixa de causar estranheza quando podemos verifica-lo. Por informações, que eu tinha, de todo esse movimento de vida nova em que os Açôres andavam empenhados, que elle podera impulsionar, e em que mantivera sempre o principal papel; e por aquillo que d'elle conhecia, como jornalista, ou por quanto d'elle me tinham dito como orador e como polemista, eu fizera da constituição physica de Mont Alverne uma idéa que suppunha bem proporcionada, mas que depois me saira inteiramente differente da realidade.

Sem attender ao proverbio, eu medira esse homem aos palmos, e calculara, sobre o arrojado da sua iniciativa na questão autonómica dos Açôres, uma ossatura de atleta. E por isso a minha surpresa foi grande, quando Moniz de Bettencourt nos apresentou, e eu me encontrei em frente d'aquelle sympathico pygmeu.

Mont Alverne de Sequeira é medico, tendo sido o primeiro classificado no seu curso, em que foi contemporaneo do desditoso Camara Pestana. A sua these — *Hypnotismo e Suggestão* provocara um desusado exito, confirmado em duas edições exgotadas com avidéz. Em São Miguel, encarregaram-no do banco do Hospital, nomearam-no delegado de saude e medico da Camara, escolheram-no para director da estação thermal das Furnas. Não lhe deram mais, porque não havia mais.

Em Fevereiro de 1863, sendo recebida nos Açôres a noticia de que haviam sido extintas as Juntas geraes, unica regalia do Archipelago, a indignação popular explodiu pela palavra de alguns michaelenses illustres, num grande comicio de que seju a idéa da autonomia. Foi Mont Alverne quem, numa caudal de argumentos baseados em factos, de factos explicados por algarismos, e de algarismos sancionados por documentos, fluente e convincente, lançou os fundamentos d'essa idéa, mais tarde deturpada e propositalmente interpretada em erro pela intriga politica de



Mont Alverne



A cidade de Ponta Delgada

Lisboa, mas que no seu início ecoou em todos os corações libéres, estimulando todas as inteligências, conçoando os partidos, arregimentando ainda os mais rebeldes.

— «Este bello capitulo da historia dos Açores, dizia-me Mont'Alverne de Sequeira, tinha começado dois annos antes, numa palestra em que me encontrei com Aristides da

Motta, no Valledas Furnas. Entramos a falar, muito naturalmente, da situação aviltante em que os governos de Lisboa nos mantinham, impedindo-nos de atingir o desenvolvimento a que nos davam direito as tradições historicas, a supremacia intellectual de muitos dos nossos, a pujança do sólo, a salubridade do clima, a collocação geographica, o genio emprenhedor e aventureiro

dos libéres, a tenacidade para o trabalho e as avultadas sommas com que saciavamos, em cada anno, a voracidade dos cofres publicos. No deslisar da conversa, chegou-se á conclusão de que o mal tinha uma etiologia unica — o centralismo desmedido e absorvente; e um só remedio tambem — a descentralisação estimulante e impulsionadora. Esboçamos o assumpto, e cada um de nós contraiu tacitamente o compromisso de o estudar sob todos os seus aspectos, para mais tarde apurar opiniões. . . Isto passava-se em Agosto. No mez de Março do anno seguinte, já bem seguro das vantagens do descentralismo, assentava-se a primeira pedra d'esse edificio que os acorianos queriam construir como demonstração de capacidade mental e de civismo immaculado. . . »

— «Mas o primeiro projecto de lei, que o Dr. Aristides apresentou ás Camaras, foi abafado logo, pois não é verdade?»

— «Pois sim, mas era já a semente germinadora da nossa bella planta. E já então, como hoje, estavam conosco todos os que vêem e pensam, todos os que assimilam e produzem, todos os que se distinguem por quaesquer manifestações do cerebro ou do coração; os integros de espirito e de consciencia, os que defendem a liberdade e os que prézam o seu torrão!»

— «Se bem me lembro, foi por esse tempo que se fez nos Açores um forte movimento de protesto contra as medidas financeiras do governo do Dias Ferreira. . . »

— «Não, por esse tempo não, porque as medidas do José Dias só vieram mais tarde, mezes depois. Mas foram precisamente essas medidas que provocaram o comicio de 1893, em que se consultou a opinião popular sobre a idéa autonomista. Não se imagina o que foi esse comicio, quando apenas se sabe quanto os filhos d'esta ilha são reservados e frios. Os velhos, que assistiam á memoravel reunião, não se lembravam de terem visto o povo michaelense tão arrebatado por uma idéa, tão inflamado por uma causa. E foi o povo que nomeou a Commissão de propaganda e promotora da autonomia. * Nessa Commissão, o unico elemento

invalioso, sem tradições politicas, de nome desconhecido e sem influencia nas urnas, era eu, valha a verdade. . . Mas trabalhámos todos, e valentemente, e solidarios sempre. Deliberámos desde logo combater a candidatura de qualquer deputado centralista. Pedimos e obtivemos a cooperação de todas as corporações e vultos importantes dos tres districtos.

Entramos nas luctas da imprensa. Cumprimos rigorosamente o nosso mandado de propaganda em novos comicios e conferencias, com a penna, com a palavra, na escola e na tribuna. Ao mesmo tempo, Caetano d'Andrade, Aristides e eu, elaboravamos o novo projecto de lei, que era depois publicado, largamente distribuido e emendado, sendo finalmente submettido



▲ Praça do Município

ao Parlamento.»

— «E d'essa vez estavam preparados os animos em Lisboa para que o projecto fôsse, ao menos, discutido?»

— «Assim o julgavamos nós, e boas razões havia para isso. Tinhamos consultado os chefes dos Partidos monarchicos e o chefe do Gabinete. . . E o que pediamos nós, afinal? Pediamos uma reforma do systema administrativo dos Açores, que permittisse gastar-se em nosso proveito o nosso proprio dinheiro, protegendo os serviços dos nossos campos, o impulso do nosso commercio, o progresso da nossa industria, a remuneração do nosso trabalho, o amparo dos nossos desvalidos. Ninguem podia dizer-nos que não!»

— «Tomou-se talvez uma attitude muito arrogante em face do Parlamento?»

— «Isso sim! Antes se tivesse tomado. Fomos muito brandos. Confessamos que não era nosso proposito destruir a unidade nacional, que acima de tudo eramos portuguezes, que pelo amor da nacionalidade tinhamos combatido e tornaríamos a combater se preciso fosse, e que só queríamos a descentralisação. . . Tomámos por mau caminho.»

— «Teria sido melhor, quem sabe, começar logo por formular em termos bem vehementes a ameaça do velho ideal separatista?»

— «Não lhe digo que não. Talvez. O Parlamento não ignora que o separatismo tem no districto da Horta a sua maçonaria, e avolumando o perigo aos olhos dos mais cobardes, seria bem possivel que o medo os voltasse para o nosso lado. Mas o nosso caminho estava traçado; retroceder era confirmar as suspetas de que batíamos em retirada. Houve novas eleições, concorremos nós mesmos ao suffragio popular, triumphámos em toda a linha. Nesse combate eleitoral, até o clero uniu fileiras pela nossa causa, organizando um Centro catholico autonomista. E um bello dia partimos para Lisboa, e fomos ao Parlamento.»

— «Lembro-me bem. Era a primeira vez que appareciam em Côrtes alguns representantes do povo eleitos pelo povo. Encheram se as galerias. Todos queriam ver essas aversarias!»

* Eram membros d'esta Commissão: Conde de Jacome Corrêa, Par do Reino José Maria Raposo d'Amaral, Conde de Fonte Bella, Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, Manoel Jacinto da Ponte, Dr. Francisco

Pereira Lopes de Bettencourt Athayde, Dr. Aristides Moreira da Motta, Dr. Duarte d'Andrade Albuquerque Bettencourt, Luiz Soares de Sousa, Dr. Mont'Alverne de Sequeira.

— «Ah! meu amigo... E' bem certo o ditado: quem quer vai! Devíamos ter ido mais cedo. Mas alguma coisa conseguimos ainda. Formulou-se em favor das nossas aspirações um diploma de excepção na rotina das instituições administrativas. Restauradas as Juntas geraes para os Açores, concederam-se-lhes faculdades mais amplas e confiaram-se-lhes mais numerosos e importantes serviços, até ahí a cargo do Estado — serviços de viação, de construcção, reparação e policia dos portos e pharóes, de agronomia e pecuaria. Deram-se-lhes os meios necessarios para tudo isso, e harmonisou-se a organização da fazenda districtal com a indole e as faculdades d'essas novas corporações. Facultou-se-lhes todo o pessoal tecnico necessario, e algum material. Entregou-se-lhes uma parte das receitas já cobradas para socorros a naufragos e hospitalisação de alienados. Confiou-se-lhes integralmente o producto das contribuições prediaes, industriaes, de renda de casas e sumptuaria, com todos os seus addicionaes, tanto os fixados por lei geral como os que as antigas juntas geraes cobravam, podendo-se ainda eleva los até quinze por cento... »

— «Vamos lá com Deus, que tudo isso já não era mau... »

— «Mas tudo isto não era ainda tudo! O Governo sujeitava á sancção do poder central importantes deliberações das Juntas. E o que nós queriamos, e queremos, era a livre administração dos Açores pelos açorianos. O nosso lema era este: Libertemo-nos do Governo! Era — e é... »

Já todos tinham saltado nos barcos e fugido para terra. *Mendo-Bem* desejou saber se nós seguíamos viagem para as Ilhas de baixo. Sempre galhofeiro, esse delegado do Thesouro!

— «Não senhor, vamos consigo para terra, disse Mont'Alverne. Mas você sabe... Estavamos a conversar a respeito de autonomia... Tinha-me esquecido! »

— «Pois então, concluiu Moniz de Bettencourt, acordem d'esse sonho, e despachem-se, despachem-se, quando não vou-me sósinho, e sem talvez que o pranto me inunde as faces, ao escutar seus ais... »

Apertámos a mão ao Commandante, dissémos adeus á mais gente de bordo, e o bote de Mont'Alverne, aproudo a terra, bem picado de remos, distanciou-nos depressa do Açor.

Nessa manhã, o movimento do porto era desusado. A doca, coalhada de navios, lembrava um trecho de Rotterdam. O mar, que tantas vezes galgara os muros de abrigo, em ondas impetuosas e grandes como montanhas desfeitas em espumas, destruindo numa hora o trabalho de muitos annos, desviando os caes, arrastando as alvenarias, fazendo estalar os enrocamentos, fendendo os mólhes, torcendo os carris de aço das vias de serviço, removendo como cascalho toneladas de pedra, e levando por agua abaixo tantos esforços, tantas esperanças, tantos sacrificios, tanto dinheiro com que os habitantes da Ilha contribuíam para a construcção d'aquelle abrigo — o mar, nessa manhã, não se agitava mais do que a ceara ondulando ao sopro acariador de uma viração de Agosto.

O desembarque no caes da Alfandega, onde os barqueiros vestidos de linho grosso e lavado, e de chapéu de palha, offereciam ás senhoras a forte mão cabelluda, para que saltassem do barco, pondo tanta gentileza na offerta como se estendessem a ponta dos dedos para um menuete; a passagem sob o arco por onde se entra na cidade, e a entrada na cidade pela Praça do Municipio; o encontro das primeiras pessoas conhecidas, a anciedade dos que esperam noticias de Lisboa, a alegria, a saude, o bem-estar, a confiança que logo se lê, á primeira vista, na physionomia de toda essa boa gente do povo e da burguezia, que enche as ruas estreitas do centro da cidade, em volta da casa da Camara, da Matriz e do Café Miranda — eram as primeiras impressões risonhas da chegada.

Procurava se depois um hotel, e não havia hotel. Era outra grata impressão. Porque não ha hoteis, nos Açores. Diz-se que ha, mas não ha. Aquillo a que os açorianos chamam — um hotel — é o seio de uma familia onde se é recebido mais por uma prova de sympathia e de estima do que por uma tabella de preços. Não ha hospedagem: ha hospitalidade. E se os ilhéos confundem estas duas coisas tão distinctas, é simplesmente por pejo de confessarem que nunca tiveram geito, nem esperam vir a tê-lo, para explorar o forasteiro.

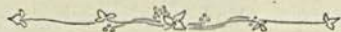
Os donos d'essas casas onde se é recebido a titulo de hospede, e onde se encontra o affecto que poderia merecer um parente bem chegado, não exercem uma industria: praticam uma acção benemerita. O que se lhes paga de pensão não é mais que um pretexto de que elles se servem para que o hospede, quando se fór embora, não imagine que ficou a dever-lhes um favor.

Não ha nessas terras exemplo de hospedeiro que tenha podido retirar-se dos negocios com uma fatia de pão e uma laranja bem garantidas para o resto da vida. E nem o pão é caro, nem as laranjas, por lá, são poucas! Eu conheci o proprietario de um dos primeiros hoteis das Ilhas dos Açores, que era amanuense do Governo Civil, e fazia a escripturação de uma loja de fazendas, aos serões — para sustentar os hospedes!

Nestas excellentes e desusadas condições de hospitalidade, comprehende-se que não possa haver razáo de queixa, quando a macieza dos colchões deixa um pouco a desejar, e o *menú* das refeições não exceda muito em acepipes, nos dias de carne, o caldo de lentilhas, a groupa cozida e o arroz de lapas, que são a base solida da alimentação ilhéa em dias de jejum. Contenta-se a gente com o que ha, e dá graças a Deus.

Foi o que eu fiz durante os poucos dias que passei na cidade alegre de Ponta Delgada, antes de me enveredar no caminho mysterioso do Valle das Furnas.

ALFREDO MESQUITA.



Wenceslau Telles



1.º DE ABRIL

E DA dos mais distinctos e briosos officios do nosso exercito, o general Wenceslau Telles, fallecido ha dias, depois de prolongada e dolorosa enfermidade.

O general Wenceslau Telles não era só um militar distincto, era tambem um escriptor notavel e um conferente de valor. São bem conhecidos e apreciados os seus artigos publicados em varios jornaes. Como conferente, são citados como exemplo as conferencias feitas em varias occasões perante a officialidade dos regimentos que commandou durante a sua carreira militar.

O illustre finado era ajudante de campo honorario de Sua Magestade, commandante da 2.ª brigada de infantaria. Tinha muitas condecorações, entre ellas o grande officiato da ordem de Aviz e a medalha de ouro de comportamento exemplar.

Quasi toda a sua carreira militar foi feita como official de infantaria 17, passando como commandante para infantaria 5, quando foi promovido a coronel.

Ha tempos fór nomeado commandante da columna de operações em Moçambique, regressando á metropole, porque o effectivo das forças que ficaram naquelle provincia não comportava a patente de general, como commandante.

A festividade das Dores, no Porto

Entre as igrejas do Porto que mais brilho costumam dar às festividade que n'ellas se realisam sobresabe a dos Congregados, templo magnifico.

A festividade de Nossa Senhora das Dores ultimamente alli realisada foi deslumbrante. A ornamentação do altar, que reproduzimos em gravura, era deveras artistica.

Durante todo o dia foi a igreja visitada por milhares de pessoas.



Clôthé de A. P. Reis.

A igreja dos Congregados, no Porto, ornamentada para a festividade de N. S. das Dores

EXPOSIÇÃO DE CERAMICA NO PORTO

Abriu no Porto uma exposição de productos de ceramica, a que concorreram todas, ou quasi todas as fabricas portuegasas.

A grande nave do Palacio de Crystal, onde está installada a exposição, apresenta um lindissimo aspecto para o qual concorre a acertada distribuição dos pavilhões dos expositores.

Tem grande alceance a realisação d'este certamen, que nos vem mostrar o grande desenvolvimento que entre nós está tomando uma tão importante industria, e o aperfeccionamento das qualidades artisticas dos nossos ceramistas.

É justo que tratando d'esta exposição prestemos as nossas homenagens ao trabalho do sr. Miguel Motta, do Instituto Industrial do Porto, que pela sua extraordinaria actividade, pelos esforços da sua boa vontade, conseguiu, apesar de todas as contrariedades e difficuldades, levar avante a realisação d'uma exposição que é um serviço prestado à arte e à industria.

Não queremos, por isso, referir-nos detalhadamente à exposição e apenas apontemos como dignos de toda a attenção dos visitantes a exposição da Vista Alegre, Ceramica das Caldas, Fabrica de Carvalho, etc., etc.

Não podemos deixar de especialisar como o summo da arte os trabalhos que expõe Raphael Bordallo Pinheiro, o grande artista, que com o seu extraordinario talento vai criando verdadeiras maravilhas n'esse barro das Caldas, que até ha poucos annos se via transformado apenas em toscas cantarinhas ou grossos boninas.

O que Bordallo nos apresenta na elegante installação do Palacio de Crystal é simplesmente um encanto. Tanto nos trabalhos em que o seu fino humorismo de caricaturista, põe uma nota hilariante, como nos outros trabalhos em que a sua grande alma de artista vai buscar ás coisas genuinamente portuguezas todas as belezas e todos os primores da modelação, Raphael Bordallo mostra-nos o seu extraordinario valor.



Clôthé de A. P. Reis.

O povo à porta dos Congregados

Brevemente publicaremos n'estas columnas um largo artigo sobre a installação da exposição de ceramica em Portugal, devido à pena d'um dos nossos mais distinctos escriptores, que é tambem um dos mais competentes e respeitaveis criticos da arte.



Clôthé de A. P. Reis.

Aspecto geral d: Exposição de Ceramica, no Palacio de Crystal, do Porto



Clôthé de A. P. Reis.

Exposição de ceramica—O lago de louça das Caldas



Clôthé de A. P. Reis.

Exposição de ceramica—Installação Bordallo Pinheiro

ACRIFRANCEZ

Pela sua belleza forte e grave, pelo seu grande ar de nobreza elegante e espartilhana, Carlota S. distinguia-se entre as convidadas, nos bailes do palacio do pateo do Saldamia, a Junqueira, propriedade dos condes da Ega em 1808. Filha natural de um titular illustre pelo seu parentesco de espirito e pela preciosa estirpe, recebera educacao cuidada. As rivales delambidas morriam-se de inveja ao mirar-lhe e admirar-lhe o seu porte fino, os olhos escuros e avelludados que se assemelhavam aos da generala Troussat, a brancura mate da carnagao, os cabellos de um loiro tao luminoso, tao quente e tao vibrante como o dos cabellos da generala Ega. E de todas as suas gestoes, que secediam uma seducção ou manifestavam uma elegancia. Sua graça tinha alguma coisa de esthetica, como um rythmo feliz, como uma estrophe justa. Os espelhos da sala de baile d'aquelle palacio não reflectiam imagem de mais incansavel vaidosa. N'uma furtiva e fugaz mirada, o nobre e modesto Nancy, ao ter recebido o baptismo da moda nos salões consulares de Madame de Montesson, de Madame Requier, ou de Madame Junot. Poderia ter dançado, com empero, a gavota de Trézit ou o famoso passo de challe, inventado pela bella impudica Emma Hamilton para seduzir Nelson, e tantas vezes repetido nos salões parisienses da avia do século XIX.

Distintissima no hippismo, montava a cavallo com a pericia de Madame Hamilton, essa pucelle crocheta que foi a primeira amazona, a primeira dançarina e uma das primeiras elegantes da sociedade do Bourbon, nos bellos dias de Barras e de Garat, e uma das figuras mais salientes no mundo ligeiro, de que a Tallien e a Beauharnais eram as estrelas fallissimas.

No acovelamento banal dos encontros fortissimos, Carlota combocera e apaixonara-se por Carlos Forbin, joven capitão de hussardos. Travou-se com elle, e até desde os bicos das botas até as guias dos bigodes elamistrados, Carlos tinha a expressao vigorosamente masculina dos hussardos de Auzerger, o brio pelante dos coronéis de Santa Gertrude, no seu jilco uniforme: a sua farda era de pelica lizada de pella, pendente do hombro esquerdo, a farda bordada, as calças á fivela, as tranças com rabicho, o saie mameleco, e a original pasta com a agua em estuete. Como Massena, inclinava um tudo-nada a cabeça para o lado esquerdo. Ganhava-se de possuir os talentos de sociedade que mobilavam a sua chefé superior, e que a barcolada do prestigio pessoalidade que se affirmava, tão elegantemente se sabia apresentar nos salões—erecto, or im-pavido, fazendo valer, com certa affectação, o arco flexivel do seu talhe, a sua perna rija, a sua arte de dançar emérito.

O amor de Carlota era correspondido pelo gentil official, que a adorava como uma musa, que lhe queria como a uma sobeana. Outra pessoa, porém, amava em silencio, recalcando no fundo do coração esse amor, que não osava manifestar-se. Era a irmã de Carlota, a irmã de Carlos, cujo temperamento continha com a d'aquella, porque se o da primeira era arrebatado, incendiario, e disposto, segundo o verso terrível de Baudelaire, a misturar a espuma do prazer ás lagrimas dos tormentos, o da segunda era, no revez, pacifico, sereno como a atmosfera de um dia elyseo.

Nos salões da condessa da Ega—que, á maneira da Grã-Duquesa de Gerolstein, gostava dos militares—encontrava-se o crême da officialidade franceza, radiante de bordados, de dragagens, de smaltinas, de flocos, de crêches, de plácemes, em que se destacava o brilho gelado dos diamantes. Alguns perfis apresentavam traços finos de camphes, o faveia das medalhas antigas. Havia calvíes grotescos e tapetes aggressivos. Ao clarão molle das velas dos lustres, os cabellos das damas faziam fumaça de fumo, e os olhos brilhavam em crevas nos forniculos rosados. Madame Troussat parecia encobrida de representar, em nome do seu governo, o modico mundano e as praxes da elegancia feminina no estrangeiro.

Na sala dos marechales—que tinha mobilia dourada e formada de setim carmeim, e thronos de pauz de espartilho, dosel do mesmo setim com duas cunefas françadas de retos—vira-voltavam os pares, enquanto as rebecas se cruzavam voluptuosas e liturgas, as flautas distillavam lagrimas de crystal e o rabocio roncava com gravidade literaria. As notas espalhavam-se n'uma trepidação molecular, que sacudia tudo.

Nas outras salas, ornadas de armazões cor de cana, de adamascado encarnado, e de tafeta verde, de cadeiras de bracos graciosos, de tremões com pedras amarellas e encarnadas, de mezas de jogo e de tamboretes cupulacinos, formavam-se grupos, n'um dos quaes se podia ver Junot com Jacob August Marchart, secretario de Mr. Hermann, Antonio Maria Esteves, official da secretaria da Policia e confidente do intendente Lagarde, o pintor Urbino Pizetta, collega do celebrado Pellegrini, e o comendador de uma vista de olhos pelo resto da casa, admiraria os gabinetes com foradores acaroados e á franceza, repletos de bugingangas axaroadas, o relógio de parede de Thomas Gardiner, as cadeiras e as mezas douradas, o quarto com o seu leito marchado de prata e com armazão de setim; a casa de jantar com mobilia de centro, talha de India, aparelhos de louça da India, e vasos litados; a livreria com seus mapas e globos geographicos; e a capella, onde existiam dois quadros de Grão-Vasco, um de Delacroix, um de Nicolan Tolentino, um de André Gonçalves, um de Guido, um da escola Rembrandt e um de Diogo Pereira.

Carlota, com a sua toilette solbria de fatura e alsego de cor, dava uma nota alacre entre as toilettes que se misturavam e se contraziavam. Juntava um decote profundo ricativa-lhe pelo meio esses dois globos assediados, que consistem em augmento especial dos mamilleros. Radiante de satisfação, dançou apertada pelo torbellino dos braços do official francez, que, com suas confidencias *alta-voce*, lhe pertubou a cabeça a posto das ideias perderem o segredo do laco mate e se lançaram como palanques que saltam á portinhola de um combulo expresso. Carlos ponderou-lhe os inconvenientes da equipação que a familia creava aos seus amores, interrogou-a sobre todos os pontos tangentes a essa questao delizada, logrando convencer-a de que a melhor forma de evitar todos os obstaculos que os filia-geanos, era escupulizar-se n'aquelle noite, para cujo fim dispozera todo e preciosa Maria da Purificação, criada grave da condessa da Ega.

Carlos viu que era meia-noite no seu relógio de repetição de Brigueite, um bello relógio de caixa de tartaruga e ouro preso á corrente com um sinete de corallina branca. Pouco depois, os marmoles escrupulosos e á medida, pondo tambem graga victoriosa n'essa fuga como Romeu ao lançar a capa as costas e Julietta a sollevantar a fimbria do vestido, desceendo a escadaria do palacio paterno. Carlota emburilhou-se no seu abafado—uma pelica de tafeta tirante a orelha de lanolina com guarnições de ouro preto, acedida ao hombro esquerdo. Do pulso direito pendia-lhe o *indispensable* ou *ridículo*, um saquinho que continha a ultima moda, a *derrière façon du jour*. Seus pés, calçados de braseco, possuavam na terra como frouas de neve. N'essa doce noite dos mezes quentes, as estrellas arfavam como corações que não mediam com sua felicidade, o disco de ouro da lua brilhava como um *scudo* ensanguentado, os pyramphes falsejavam intermitentemente por meio dos fantasmas negros das arvores, havia um cheiro safio de verdades viciosissimas. A quietação campestre sentia-se emballada pelo cigarrar das cigarras emboscadas, pelo estridular dos grillos nas hervas e pela cagarrega dos

ralos. Lá de baixo, das bandas da Junqueira, subiam os Bebeis acordes de uma guitarra e os seus lantos de uma voz languida, que vinha cantando:

*Pergunta certa senhora,
Seu prezoso meu amigo,
Se em ao beijo á sexta-feira
Fará perder o jejum.*

*En c'è un dia, oh que dia!
Capitão forjado assim:
En quehrei-lhas: que alegria!
Que assumpto para os poetas!*

Cá fora, no Giestal, esperava-se uma sege do Antonio Francisco Lagoia, segeiro nas Portas de Santo Antão, tirada por dois pigarços esqueléticos e boleada pelo preto Vicente de Menezes, antigo eriado do marquês de Marialva e do duque de Lafões, mas que, no tempo, exercera o duplo officio de eriado e de barbeiro do general Delabarde, accumulando essas funcções como o lugar de agente das licenças para caçar nas Contadas Reaes, pelo que recebia duas peças de ouro por cada uma, as quaes repartia com outro eriado do general. N'um abrir e fechar de olhos, os fugitivos estavam desfilando da sege, e: *Ponette, ponette!* O bolearo plicosa de esporas e o calhambaque rodou veloz e silencioso como a felicidade. E a rapitada, marechalisada pela alma dos beijos—porque os beijos teem alma—, entregou-se a Carlos... sem reticencia. O amor viciou-lhe-lhe o sangue, desensouar-lhe a temperança no coração... A tripua seguiu, nas horas de estarlar, em direitura a Alcantara, Pampilhas, Santos, e depois do Marquez de Abrantes, S. Paulo, Arsenal, Rioico, torseou o palacio da Regencia, enfuiu pelas Portas de Santo Antão, voltou á Rua dos Comêes e deteve-se nos casbros da esquina fronteira ao theatro, na rua Oriental do Passico. Já preparara Carlos a gaiola para aquelle ronzilho. Ali viveu Carlota durante tres mezes, no passo que sua irmã Elisa, n'um desseoço qonito, chorava sua mofta sorte.

Carlos entregou-a aos cuidados sollicitos de uma criada hegoza, que a fazia quilar, quando lhe cantava uma cançã patriótica muito em vigor na sua provincia:

*O Rio diz que é bravo,
Bravos sou eu tambem,
Lá bravia por bravia
Mais bravia é o meu beio.*

*Al lé! meu beio, não me fojas,
Não me deixes aqui só:
Fozor de caber deo corpo
Mais da alma do Rio.*

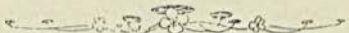
A's vezes, noite fechada, Carlota desfarava-se com o uniforme de hussard e a alacota com Carlos, tomava café no botecoim do Nicolo, no botecoim das Parras, no Rioico, ou no Marraco do Arco da Bandeira. N'esses tempos revoltos deram-se muitos casos de distarso feminino. Houve tres francezas residentes em Lisboa, que se vestiram de soldados de cavallaria e fizeram parte do exercito de Junot, assistindo á batalha do Vimeiro (11). Uma, esposa de generaes francezas, *madame* Foy e Troussat, presenciaram a mesma batalha no campo de Grão-Vasco, o general Massena, *l'Enfant chéri de la Victoire*, durante a guerra de Espanha, foi acompanhado pela sua amante, uma gentil rapariga que, muitas vezes, trajou o uniforme de official de dragões e orçou o peito com a venera da Legião de Honra.

Pela denominada convenção de Cintra, o exercito invasor retirou-se de Portugal. A evaçao de Lisboa affectou-se de 10 a 15 de Setembro de 1808, embarcando os francezes nos navios ingleses que vieram ao Tejo. Carlota viuencou seu destino ao do seu amante. Foi escouder n'uma outra patria o seu amor e a sua vida, como se conta na *Favorita*. Vestida de hussard, dirigiu-se com Carlos ao *Cas do Sodre*, entrou no *café do Grego*, e ali se conservou algum tempo, sem que os frequentadores e o dono do botecoim, o Comagioti, suspeitassem que tinham uma mulher na sua presença. Depois, sahiram e embarcaram n'um hote de extrair, que os conduzia a bordo da fragata *The Nymphe*, que tambem recebeu Junot, a qual, levantando foz e apromado á barra, singrou rio abaixo.

Carlota conservou-se largo trecho de pé, á murada, sentindo o circulo da enxaqueca a comprimir-lhe a fronte, enquanto o navio, de velas pndas, velejava vigorosamente: até que chegou o minuto psychologico de rebentar a invejavel crise sentimental; e então, com os rebates da saudade, as lagrimas brotaram-lhe n'um jacto de solucões... No dia seguinte, Elisa professava no convento de Santa Joana. A clausura seria linimento balsamico para as suas feições, aesthetico para as suas dores, porque, no dizer de Castilho, se um mosteiro não é cozo porque o não ha sem elle, na terra, e sem a sua santa e bendito refugio, onde muitas penas se atallam e muitas se adormesçam.

PINTO DE CARVALHO (Tropo).

1. Relatamos este caso no nosso livro *Lisboa de outros tempos*.



Visconde de Villa Boim

Orzo official bem distincto e estimado, que a morte arrebatou, era o sr. visconde de Villa Boim, general de divisão, gran-cruz da ordem de Aviz e commendador de Christo.

O visconde de Villa Boim, que pertencia a uma distinctissima familia, assentara praça em 1850 e depois de brillantes serviços prestados, e d'uma longa carreira immocorada foi promovido a general de divisão em 1867.

Durante muitos annos commandou o regimento de engenheira, sendo depois nomeado commandante da 4.ª divisão militar. A sua morte foi muito sentida, porque o visconde de Villa Boim era estimadissimo pelo seu excellento caracter, pelas primorosas qualidades de seu espirito e pela grande bondade do seu coração.



Historia do batel Vae com Deus

e da sua companhia

A COMPANHA



Quando a encontra na praia...

no céu ou bandos de grazinas voando — não se distingue bem... Alguns velhos atam as redes nos varões, outros curvados concertam-nas sentados na areia. Uma companhia já o batel, pundo-o em secco.

— Eh! ouha! ouha!...
A embarcação, de forte cavername como os pescadores, cheirando a alcatraz e a mar e feita para os perigos e trabalhos como elles, rola, sobe...

— É o batel novo...
A um canto da praia as mulheres arrematam sardinha. São na areia montões de luar coalhado... Um velhote bota o lanço e em roda, acorçadas, de saia de lã negra, as mulheres berram e disputam. Tem todas um aspecto resignado e triste: as moças são finas, de cabellos e olhos negros, as velhas engheladas, corcovadas e cheias de tristeza e cansaço.

A povoação tem um aspecto simples e grave. De madeira, enegrecida, batida da invernia, cuspidinha pelo oceano amargo, lembra os perigos do Mar: não ha alli pedaço de trave que não tenha a sua historia. Por toda a parte seccam peixes escalados, seccam rédes.

Os homens acabaram de içar o batel e ao sol, em grupos, conversam. E' a companhia. São todos rudes, fortes, requeimados, de olhos azues, e até os velhos, apesar da barba branca, tem um ar moço. A velhice é bonita: é ainda forte e ingenua.

São treze pescadores, o arraes, o sota, o Vareiro, o Papeira, o Bile, outros — e por fim o mocinho

O arraes, o Manuel Pereira, andou sempre no mar. Ignora tudo que não seja o oceano. Foi moço, remador, sota, arraes. Está affeito a todos os perigos e tanta vez viu a morte, que é destemido. Em occasões de tormenta, na entrada da barra, empunha o leme e berralles, pragueja, insulta-os. Os seus homens amam-no por isso. E' alegre, já com brancas na barba ruiva. Não tem historia quasi. Sustenta a mãe, trabalha. Casou novo, como quasi todos elles fazem, com a sua Cathrina e a sua vida é como a vida de todos os pobres, ignorada, simples e grande.

O Vareiro é um velhote borracho, curtido, negro e desdentado. Baro larga o cachimbo. Veste trapos e na sua casa a miseria é profunda. Dorme com a mulher e os filhos sobre velhas redes. Andam de toca em toca expulsos. Todas as noites ha ralhos, pragas. Elle bate na mulher, e a mulher, quando o apanha bebado, espesinha-o. Aquella rapariga linda, d'olhos como saltões e farta trança — eil-a gasta, retalhada de rugas, de bocca má e saia róia. A miseria marca

os seus typos. A principio ella, que era arranjadeira e boa, defendeu-se, pregou, ralhou. Depois, pouco a pouco, afundou-se: começou a beber como elle, a fazer-se desleixada, a envelhecer — como envelhecem estas raparigas da beira-mar, aos trinta annos... E a filharada a crescer — e o Vareiro todas as tardes bebado... Não ha, porém, homem como elle para a fadiga e para o mar. E' incansavel — e a bocca desdentada sorri sempre no perigo ou na alegria.

O sota que homenzirão!... Ruivo, forte, enorme. Foi embarcadigo. Marmheiro embarcara na barca Isabel e por muitos annos fizera viagens ao Brasil. Mas um dia namorára-se, casára, e para viver com os seus deixara o mar largo para sempre.

O Bile, o Papeira, os mais — uns já de brancas na cara, outros quasi imberbes, são todos, ou rapagões infatigaveis, ou homens feitos, nascidos para o Mar e as suas luctas.

E' esta a companhia do batel «Vae com Deus».

Assim, entre estes homens, o moço foi crescendo. Veio o inverno e com elle o máo tempo e o mar bravo, veio depois o verão, com a vermelhidão dos seus poentes e a calma azul das aguas, e o mocinho tornou-se homem. Se havia temporal a Mãe lá estava no caes, de negro vestida, passando sempre pelas mesmas afflicções. A vida é monotona — soffrer, chorar, morrer. Primeiro o João, depois o seu homem... agora este, o unico que lhe resta e que é já o sustento e alegria da casa.

Na velha toca de madeira só os dois vivem. A Mãe, sempre triste e de lucto, o rapaz já pescador, crescido, fulvo como as tardes d'outomno. Dirieis que a poalha que cahe do céu tombou sobre os seus cabellos, sobre a sua pelle morena e doirada. Quando ri, tudo em torno ri — e a mãe revê-se n'elle, unico que o mar por ora lhe deixa. Horas lita-o embevecida. Em que scisma? Nos seus cuidados? Quanto mais se pena por um filho mais se lhe vem a querer...

Tem já a sua namorada. E' uma rapariguinha, para quem se sorri quando a encontra na praia. E' filha d'um poveiro, mas tem alli parentes, tyos, que ella vem ajudar todos os annos, no tempo da sardinha.

Que diversidade de typos por essa epocha se reunem alli! Vem o sanjoaneiro palrador e mandrião, adormecendo deitado no areal, ao som da onda, fino, louro, secco, palrador; o vareiro esbelto, audaz, moreno, destemido, com as suas mulheres trigueiras, de grandes ollos pestanduos e negros; o poveiro rude, bronco, colossal, vestindo a camisola de lã e calção, de perna nua e braços como troncos; a gente de Paramos, d'outras povoações perdidas pelos areaes, emigrando, trabalhando, batendo-se com o oceano; e os homens de Val-bom, pescadores e lavradores, cultivando terras á beira do rio e largando o arado, para empunhar o leme, se o tempo é de feição; e outros, muitos, que nunca ou raro se confundem, casando entre si, emigrando ás vezes para sitios desertos e hostis, colonisando, mas nunca perdendo de vista o mar. E cada um tem os seus barcos: o vareiro a saveira



Ranchos de raparigas...

elegante e fina, barquinho em que galga as ondas mais bravas; o póvereiro a lancha pesada e roncera, tosca como elles; o srajoineiro a catraia, mais leve e bem talhada; a gente de Paramos a grande hateria de proa aguda e talhe em crescente...

E' da Povoia a raparigunha, da raça d'aquellas mulheres corajosas, destemidas, fortes como homens, que empunham um remo, batem-se com o mar se é necessário, e ás vezes atiram os pescadores para o trabalho e para a morte.

Junta-se muitas vezes com as outras. Não é raro nas tardes de verão vel-as no rio, remando nos barcos e rindo. Ranchadas de moças, depois da venda do peixe, do encasco das redes — que voltando do mar são sempre lavadas e passadas por agua enegrecida com *casca* — vão pelo areal fóra, cantando em córo ou palrando...

Rir enquanto a vida não chega, com as suas allicções e miserias! Louras umas, outras morenas, de saia ensacada, alto o seio, os labios humidos, toca a rir, enquanto não vem os filhos, a fome, os máos tratos! Enxarcadas, moidas de fadiga, ellas conservam a alegria que dá a saude e a força — e riem, em descantes, enquanto a desgraça lhes não bate á porta e o mar lhes não leva os namorados, os irmãos ou os paes...

RAUL BRANDÃO.



A liberdade é o direito de não ter razão.

EUGENIO MARBEAU.

A canção é a alma d'um povo.

HENRI LAVEDEN

Dr. Eduardo de Avellar



7 EM 8 DE ABRIL

Foi dolorosissima a impressão que produziu a noticia da morte de Eduardo de Avellar, rapaz agadabilissimo, intelligencia superior e caracter bondoso.

Eduardo de Avellar ia completar 35 annos, pois nasceu em 1864.

Tendo feito os seus primeiros estudos em Lisboa, foi para Paris, onde fez com distincção o curso de engenheiro agronomo, voltando em seguida para Portugal, onde pouco se demorou, porque o seu espirito superior atrahia-o para o grande centro da civilização, onde elle voltou dedicando-se á carreira medica, cujo curso fez distinctamente, notabilizando-se nos estudos bacteriologicos.

Terminou o curso de medicina em 1890, e durante muito tempo foi externo nos hospitales de Paris e preparador de bacteriologia no consultorio do sr. Chausseuse, onde collaboreou nos estudos do soro antityphico. Fez parte da Sociedade philologica de Paris, onde foi professor de portuguez, e da Sociedade Anatomica e tinha a medalha dos hospitales de Paris, por serviços humanitarios.

Quando foi do Centenario da Descoberta do caminho maritimo para a India, Eduardo de Avellar tomou parte activa nos festejos promovidos em Paris pela Colonia Portuguesa e fez uma conferencia sobre Vasco da Gama, na Sociedade de Geographia, de Lille. Ha pouco regressou a Portugal, onde repetira os exames de medicina na Escola Medica de Lisboa, para aqui poder exercer clinica, e brevemente defenderia thesa.

Vio a morte sorprendel-o quando trabalhava com amor para na sua patria poder prestar serviços analogos aos que em Paris lhe tinham valido distincções honorificas e elogios rasgados dos medicos mais distinctos, e principalmente dos bacteriologistas, que viam n'elle um collega de grande valor e um homem que de futuro poleria pelo seu ardentissimo amor ao trabalho e pela sua lucida intelligencia prestar grandes serviços á sciencia e á humanidade.



Impenitencia

Solo per pompa inutile
Del suol voi siete nati.

PIANOTTI.

E' certo; — a deusa mimosa,
Numo, genio, emfim, poesia,
Não vale mais do que a rosa,
Do que o rumor da harmonia.

Não põe na mesa do pobre
O conforto, o riso, o pão;
E' fino véo que não cobre
Miseria na solidão.

N'este vaivem da existencia,
N'este insano labutar,
Azas de tanta innocencia
Não dão refugio nem lar.

E' certo; — o cantor obscuro,
O poeta scismador,
Vae tentando o futuro
For entre idyllios de amor.

E o mundo que vive e sente,
Chelo d'urgencias fataes,
Não troca a luz do presente
Pelas manhãs ideaes.

De que serve á humanidade
A brenha que se esmalto?
Que lhe importa á immensidade
Se um astro mais despontou?

Deus, quando fez o universo,
E achou que elle estava bom,
Não tinha o espirito immerso
Nem no aroma, nem no som.

Não se arrobava em lyrismos
De ternura paternal;
Via o mar, via os abyssos,
Via a grandesa eternal;

Via a esfera illimitada,
Milhões de estrellas, de sóes...

Não houve em tal madrugada
Requebros de rouxinões.

Por isso o robe frondoso,
Cuja copa ondea ao vento,
Pode ser mais orgulhoso
Que a flor, que vive um momento.

Nos edificios altivos
Seus braços lindo pomp'eam:
São gigantes redivivos
Em que os marmores se estãoam.

Ao sopé da rocha enorme
Que se inclina sobre o mar,
Se a vaga repousa e dorme
Vê-se o nautilio vogar.

Mas quem pensa ou quem repara
N'uma concha que fluctua?...
Que brinquem na espuma clara
Os brandos raios da lua!

Assim, tambem, a poesia
E' cousa vã, cousa futil:
Para a san philosophia
Um gorgelo é sempre inutil.

Pois bem; eu sei, eu conheço
Que o canto que um sopro leva
Não tem valor, não tem preço,
Não faz luz na immensa treva.

Mas embora tanto enleio
Seja um fumo que se esvae,
E os hymnos que vem do seio
Se extingam todos n'um ai;

Dá-me, ó Deus, que eu não me esqueça
D'estas mentiras fagueiras;
Que entre sonhos adormeça,
Como o verme entre as roseiras.

Que ao termo d'esta romagem
Meus olhos possa alongar
Pelo verdor da folhagem
Onde as aves vem cantar!

Lisboa — 1903

E. A. VIDAL.

Revista Internacional

14 de abril de 1901.

Os estudantes das diversas universidades russas, em especial das de Moscovo, S. Petersburgo, Odessa e Kiev, a propósito da ex-comunhão de Tolstói, e para protestar contra o ridículo acto de intolerância do Santo Synodo, expulsando do gremio da igreja orthodoxa o grande pensador, que é não só uma gloria da Russia, mas de toda a humanidade, tem-se entregado a manifestações de tal maneira ruidosas, que o telegrapho acaba de nos noticiar o encerramento geral das aulas por ordem do governo.

Houve pontos, como em Moscovo, onde as manifestações adquiriram as proporções de verdadeira revolta, fraternisando parte da população com os estudantes, e vindo-se a tropa regular obrigada a intervir para auxiliar a policia, impotente para conter os manifestantes.

Em S. Petersburgo ainda o protesto attingiu proporções mais serias. A luta entre os academicos e a força publica foi em fórma, resultando da refrega numerosos mortos e feridos e algumas centenas de presos, que provavelmente irão expiar nas masmorras do estado a sua audacia. Para mais agravar a situação na capital, veio ainda a tentativa de assassinato contra Pobedonostev, o procurador do Santo Synodo e inspirador de todos os decretos reaccionarios d'esta corporação, pôr os espiritos em alarme.

Em pouco tempo saberemos que extensão e intensidade tem a presente agitação academica. O que é indubitável é que, ao passo que a Russia governamental só pensa em consolidar o autocracia e estender-lhe a influencia na Europa e na Asia, a outra Russia — a popular e democratica — trabalhada por surdas aspirações de libertação, debate-se n'um móo estar profundo, de que são symptomas eloquentes estes protestos parciais, que ora n'um ponto ora n'outro se levantam contra o actual estado de cousas.

Do Transvaal chegam-nos duas noticias, importantes ambas, mas infelizmente ambas concordades tambem em indicar a continuação da carnificina, que está convertendo n'um charco de sangue as campinas, apezos de tão socegadas da Africa Austral. Refere-se a primeira ao fracasso da invasão da colonia do Cabo pelo general De Wet, sendo o valente caudillo boer obrigado a atravessar o rio Orange outra vez para o norte, perdendo n'esta aventura, mais usada do que preparada com prudencia, quatrocentos homens, duas peças e um grande numero de carros de munições e mantimentos. Apesar, porém, do máo exito da expedição, que representa talvez o maior desastre soffrido por este general desde o principio da guerra, valeu-lhe a sua incontestavel habilidade para se livrar da perseguição dos coronéis Plumer, Heriker e Thorneycroft, os quaes pela differença apenas de algumas horas o não alcançaram na passagem do rio Orange, junto a Lilliefontein, que De Wet por uma habil manobra conseguiu transpôr a sã e salvo.

A segunda noticia diz respeito ao mallogado das negociações entre lord Kitchener e o general Botha para a capitulação d'este ultimo, e portanto para a pacificação da Africa Austral. Pelos documentos que estão publicados vê-se, que foram os boers os que romperam as negociações. Os ingleses chegaram até ao ponto de oferecer entre outras concessões um governo representativo para o Transvaal, e a equaldade das linguas ingleza e hollandesa nos negocios officiaes. Pois até ultima hora e quando tudo parecia encaminhar-se para a desejada conciliação, o general Botha voltou á primitiva intransigencia de reclamar a independencia absoluta das duas republicas. N'estes termos, sendo absolutamente impossivel o accordo, terminaram as negociações para a paz e d'esta vez infelizmente para sempre, conforme as declarações feitas por Chamberlain perante a camara dos Commons.

O que vai seguir-se é a guerra de exterminio a todo o trazo. A opinião imparcial começa a condemnar severamente a teimosia dos chefes boers que, sem esperança de melhoria para a terra que até agora tão valentemente tem defendido, estão a prolongar sem proveito uma situação, cujo epilogo ha de ser o aniquilamento completo da população boer.

E' symptoma eloquente d'este reviramento da opinião o que a tal respeito escreve a *Gazeta de Colonia*, que não pôde ser suspeita de morrer de amores pelos ingleses. Diz com effeito o importante jornal allemão que «as condições de paz offercidas pelo governo britannico aos boers mostram, claramente, mesmo aos mais encarnicados anglophobos, que a Inglaterra nada poupa para pôr fim á longa e terrivel guerra». Semelhante opinião, expressa em folha tão caracteristicamente germanica, vale pela melhor das defesas e não pôde deixar de influir no resultado final da contenda.

Ao passo que na Africa do sul a intransigencia de dois ou tres generaes ameaça prolongar, não se sabe por quanto tempo, a guerra de guerrilhas, da Philippinas chegam-nos a noticia de um facto, que pôde apressar a pacificação d'aquellas ilhas, que ha mais de dois annos os americanos se esforçam em vão por submeter. O coronel Turston conseguiu apoderar-se por traição do afamado cabecheira Aguiland e de todo o seu estado maior.

E' indubitavel que o aprisionamento do prestigioso chefe tagalo é

um rude cheque para a insurreição. No entanto parece-nos illusão demasiado optimista, o suppôr que elle terá como resultado infallivel a terminação da guerra. Tambem em Cuba a revolução perdeu generaes importantes como Banderas, Rivera e Maceo, e apezar d'isso a bert e foi aprisionado Cronje, e apezar d'isso ainda a guerra all continua. E nas proprias Philippinas, tambem ainda em tempo dos hespanhoes foi fusilado o Dr. Rizal, e apezar d'isso a insurreição não se deteve e os hespanhoes tiveram que abandonar as ilhas, mais pela guerra que lhes moviam os indigenas, do que pela victoria que os americanos lhes ganharam.

A peninsula dos Balkans acaba de ter nada menos do que tres crises ministeriaes.

Na Romania, pela queda do ministerio Carp, foi chamado aos conselhos da corôa o sr. Stourdza. O novo presidente do conselho de ministros goza de grande prestigio no seu paiz, que por mais de uma vez tem governado. E' liberal, mas suppõem-n'o inclinado á politica da Triple-Alliança. A causa immediata da demissão do ministerio Carp foi a rejeição por um voto de maioria (75 contra 74) da moção de confiança na politica financeira do governo, apresentada á camara dos deputados. O novo presidente do conselho já dissolveu o parlamento, estando fixado o dia 6 do corrente mez (velho estylo) para a abertura da nova legislatura.

Na Bulgaria, cuja situação, em frente não só das potencias signatarias do tratado de Berlim mas tambem da propria Turquia, é bastante delicada, por motivo da agitação revolucionaria da Macedonia, o ministerio Petrov, depois de haver conseguido realizar as eleições generaes para a *Sobranie* em relativo socego, vio-se obrigado a abandonar o poder. Foi a questão da Macedonia que o derribou.

Para comprazer com as potencias, a cuja pressão elle já não podia resistir, Petrov vio-se obrigado a dissolver o *concil* macedonico de Sofia. Ante o protesto energico, porém, dos membros da associação dissolvida teve de retirar-se.

Foi chamado a constituir o novo governo o sr. Karavelov alliado com os anarkistas, que na *Sobranie* representam o grupo mais importante depois do do partido stambouliense.

O sr. Karavelov é o chefe do partido liberal bulgaro e uma das figuras mais em evidencia do mundo slavo-balkanico. Não só tem sido por diversas vezes ministro, senão que tambem desempenhou já o alto cargo de regente, por occasião do destronamento do principe Alexandre de Battemberg.

A terceira crise ministerial da peninsula balkanica realisoou-se na Servia. E' sabido que apenas subiu ao throno, o rei Alexandre procurou por todos os modos emendar a errada politica, tão perniciosa para a nação, seguida por seu pae. O empenho do novo rei foi: na politica externa reconciliar-se com a Russia, e na politica interna reconciliar-se com os radicaes. Emquanto viveu o rei Milan a empreza não era facil, pois este intrigante emérito, embora completamente desprestigiado, ainda dispunha de influencia bastante para causar serias difficuldades ao bom andamento dos negocios em Belgrado. Com a morte de Milan, porém, o rei Alexandre ficou completamente livre para pôr em execução á vontade uma politica propria.

O seu casamento com a gentil viuva Draga deu ensejo á definitiva aproximação com a Russia. A actual crise ministerial proporcionou-lhe a occasião de sellar pazes duradoiras com o partido radical. O presidente do conselho Alexa Ivanovitch continúa como chefe do governo, recompondo a situação com os elementos mais valiosos dos radicaes. E' ministro do Fintan, ministro dos negocios estrangeiros; Nikola Stefanovitch, ministro do interior e Milovanovitch, ministro do commercio.

O incidente de Tien-Tsin, que ao principio se suppoz de extrema gravidade, chegando a prevêêr-se o rompimento de hostilidades entre russos e ingleses, o que podia ser o prologo de uma conflagração geral, dado o actual agrupamento das potencias na questão da China, compôs-se felizmente em boa paz, pelo menos por agora.

Lord Lansdowne communicou, com effeito, á camara dos lords, que o conde Lamsdorff, ministro dos negocios estrangeiros do czar, propozera ao embaixador inglez em S. Petersburgo reservarem ambos os governos os seus respectivos direitos ao terreno contestado, para serem mais tarde esses direitos discutidos pelos dois gabinetes, enviando, porém, desde já a Russia e a Inglaterra ordem aos seus generaes para retirar-se simultaneamente as tropas das actuaes posições. Acrescentou lord Lansdowne que o governo inglez accedera promptamente á proposta do ministro russo, havendo-se já expedido de Londres e S. Petersburgo as competentes ordens para os generaes Barrow e Wogack evacuar o terreno em litigio.

Está, pois, por este lado arredado o perigo de um conflicto á máo armada entre as duas potencias, embora persistam latentes as causas de futuros dissidios.

CONSIGLIERI PEDROSO.

THEATROS

D Amélia

Castello Historico

Espirituosa, cunho acentuadamente francez, uma acção cujo interesse augmenta de scena para scena, situações qual d'ellas a mais

graciosa, persona gens de um alto comico, qual d'elles mais accentuadamente caracterisco, tal é a lindissima comedia de Hisson e Turiefo que o sr. Mello Barreto transplanteou para a nossa lingua com um esmero digno de todo o louvor e que Augusto Rosa escolheu para sua festa no theatro D. Amélia.

Nunca tantas condições se reuniram a justificar o exito de uma representação. A todas sobrelevava, é claro, o nome do artista, a quem uma vez por anno tudo o que a sociedade de Lisboa tem de mais selecto, de mais aristocratico, de mais fino nas artes, nas lettras e na elegancia vae em romaria espiritual prestar a homenagem e o culto devidos ao merito em tantas manifestações e por tantos publicos consagrado.

O *Castello Historico* pertence áquelle genero theatral em que, pode dizer-se, *Le monde ou l'on s'amuse* occupa o lugar de honra. Sem phrases ambigüas, sem situações perigosas, tendo mais observação que caricatura, mais espirito que propriamente *charge*, constitue para o espirito um prazer requintado o ver desfilarem as scenas e os personagens de uma comedia tão artisticamente trabalhada.

E esse prazer mais intenso se torna quando se assiste a um desempenho tão equal e impecavel como aquelle que successivas plattas tem applaudido. É isto, porém, o que menos admira, porque esse desempenho estava confiada a artistas como Augusto Rosa e seu irmão João, Brazão, Rosa Damasceno, Maria Falcão, Pinheiro, Alves, Gil, Antunes e Jesuina Saraiva.

Gymnasio

A empenhoca

O sr. Freitas Branco — que tão interessantes artigos tem publicado n'esta Revista sobre o theatro escandinavo — anda, de ha muitos annos, a prestar um valioso serviço ao theatro portuguez.

Pode dizer-se que, antes d'elle, a fecunda litteratura dramatica do norte da Europa era defeza em Portugal. Foi elle que tomou a peito a difficil tarefa de transplantar para os nossos palcos essa litteratura, especialmente a allemã. E estas palavras que deixamos aqui de proposito as

escrevemos para accentuar que o sr. Freitas Branco, ao abalançar-se a escrever uma peça original, conhecida já bem, pelas suas excellentes versões de comedias e dramas, e pelos muitos additamentos com que tem dado o brilhante exito da que menos viáveis pare ciam, todo o *mélisier*, toda a engrenagem d'esta complicada machina que se chama o theatro.

A *empenhoca*, com que fez a sua estreia de auctor, destinando-a á festa de Leopoldo de Carvalho, o habilissimo ensaiador do Gymnasio, é uma comedia de costumes que revela, acima de outras, poderosas faculdades de observação. E que o proverbio *Quod*

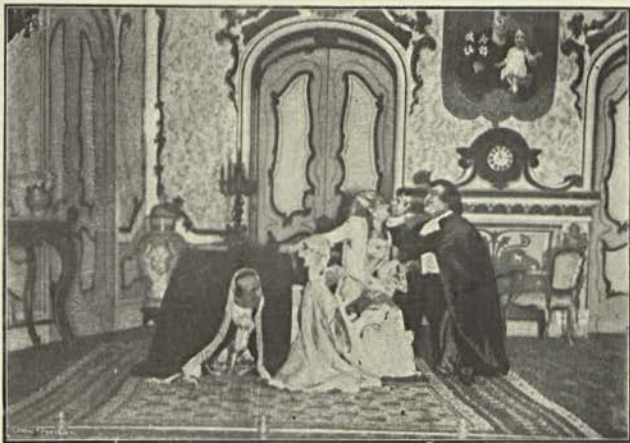
abundat non nocet nem sempre traduz a verdade prova-o este mesmo trabalho litterario do sr. Freitas Branco. Esta mesma qualidade, que, n'outros comedigraphos e dramaturgos, allis apollos, he pleto escassa, qualidade que deve ser uma das grandes forças, senão a primeira, do escriptor moderno, é exactamente a que de alguma forma prejudica o exito d'*A empenhoca*, porque no decorrer da peça está mais accentuada do que é necessario. O sr. Freitas Branco desprezou, não porque a desconhecia, mas pelo ponto de vista artistico em que se collocou, esta exigencia do justo meio, esta necessidade de proporção imperiosamente exigidas no theatro. Se porventura não é attendida, a acção esbate-se, apaga-se, o interesse enfraquece e a critica tem o dever simultaneo de accusar esta falha e de frisar que só é devida a um excesso de qualidades, o sobejo das quas bastaria para dar nome a outro escriptor que as não possuise.

A par d'isso, *A empenhoca* tem situações magistraes, especialmente no primeiro e no ultimo acto, e personagens que revelam profundo estudo, escrupulosa consciencia artistica, na maneira de lhes dar vida e de as envolver na acção.

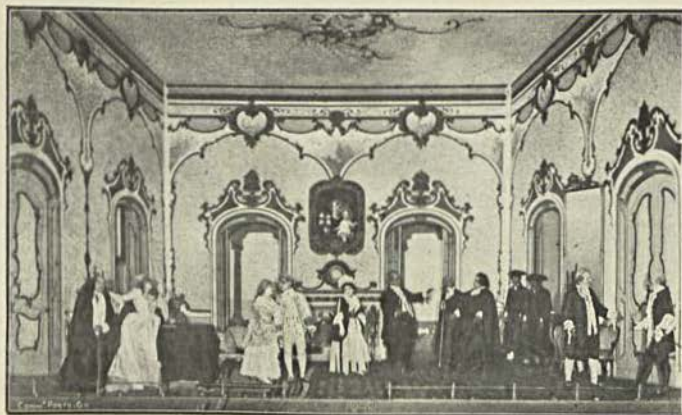
E' um d'esses o taberneiro da Azambuja, copiado *d'après nature*, saloio com todas as manhas, ganancioso, astuto, espertalhão de aldeia com a pretensão de que nem os da cidade lhe fazem o ninho atrás da orelha. E digamos já, antes de concluir, que é esplendida a caracterização de Cardoso, que incarnou o typo em todas as suas minucias, em todas as suas linhas, com uma perfeição inimitavel.

Resumindo: poucas vezes temos visto uma estreia como a do Freitas Branco no theatro. Sem poder dizer-se que é uma obra prima a sua primeira obra, o que ella indica, o que n'ella avulta é de sobejo para avigorar a confiança dos que, como nós, ficam esperando um trabalho seu em que todas estas exigencias se satisficam, em que o escriptor, na plenitude do seu talento e da sua competencia, venha de vez enriquecer a litteratura dramatica nacional.

Tem as honras do desempenho n'*A empenhoca* Ignacio, Melcelino



Theatro de D. Maria II — 4.º acto do Turiefo



Theatro de D. Maria II — 5.º acto do Turiefo

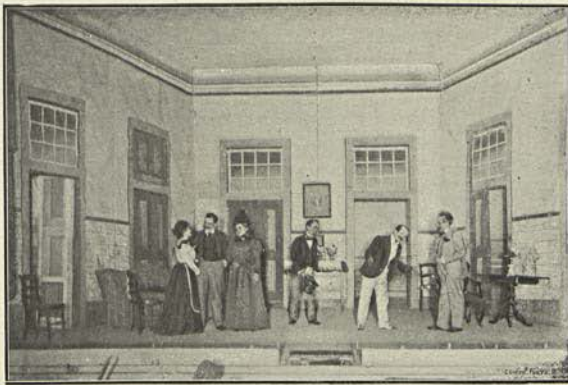
Franco e Cardoso. São de menos responsabilidade os papeis confiados a Barbara, Palmyra Torres e Alves.

Na primeira noite duas figuras atraíam as atenções do publico: o auctor e aquelle cuja festa se realisava e que, muitas vezes chamado ao palco, teve occasião de reconhecer que o seu nome e o seu valor teem sempre a mesma sympathia de todas as plátas.

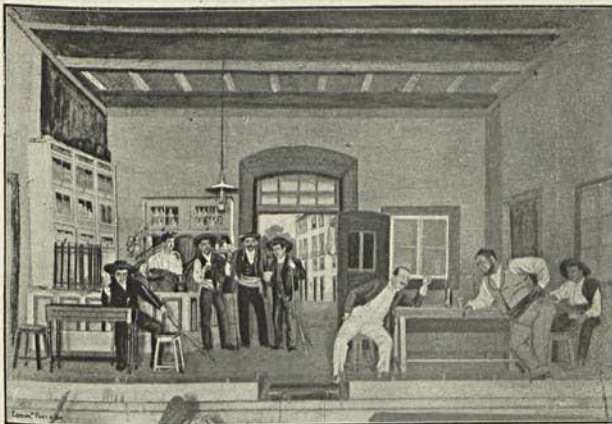
Colyseu dos Recreios

N'esta grande sala de espectaculos tem funcionado a magnifica companhia lyrica que o muito habil e intelligente empresario Santos Junior contractou para a epoca de verão. Chamámos-lhe habil e intelligente e chamar-lhe-hemos tambem benemerito porque, se não fosse elle, o povo não ouviria nunca as operas dos grandes mestres, não cultivaria o seu sentimento artistico.

E' realmente impressionadora a attitde quasi religiosa com que o publico da geral, em enorme quantidade todas as noites, ouve as operas que uma orchestra completa e bem regida interpreta brilhantemente, ou se enthusiasma com as notas cristalinas da sr.^a Galvani.



Theatro do Gymnasio — 1.º acto da Empenhoca



Theatro do Gymnasio — 2.º acto da Empenhoca

Santos Junior presta, pois, um grande serviço á educação artistica do povo e cabem-lhe por isso merecidos elogios.

A companhia, senão superior, equal á da epoca passada, attrahe uma concorrencia deveras extraordinaria, succedendo-se as enchentes á proporção que se succedem as operas. A *Aida*, com que se estreiou a companhia, depois o *Trovador*, a *Lucia*, a *Sonambula*, a *Gioconda*, etc., todas estas operas teem tido um desempenho regular, e algumas, como a *Sonambula*, *Aida* e *Trovador*, causaram verdadeiro enthusiasmo.

Dos artistas, na maior parte modestos e pouco reclamados, alguns ha que podiam rivalisar vantajosamente com muitos que o sr. Paccini nos apresentou a preços extraordinarios

A *mise-en-scène* d'estas operas, especialmente da *Aida*, é soberba, dando a mais agradável impressao. Para esta semana e dias seguintes annunciam-se já as operas *Otello*, *Traviata*, *Sansão e Dalila* e *Carmen*.

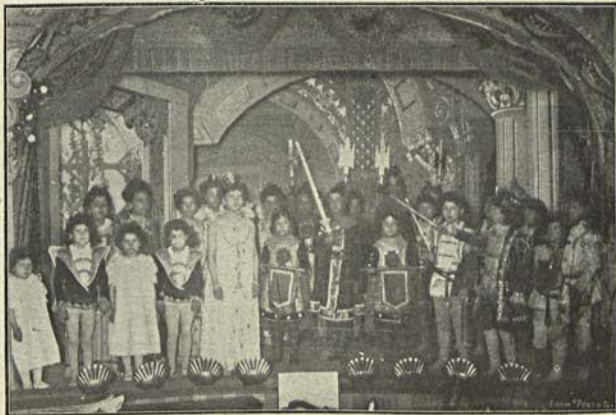
Eis os nomes dos artistas mais applaudidos da excellente companhia: Maria Galvani, Angela Penchi, Maria Colombini, Ramona Galan, Luigi Ceccarelli, Peirani, Augustin Calvo, Giacomello, etc.

O maestro Petri tem dirigido superiormente a orchestra, recebendo justos applausos em todas as operas.

Theatro do Infante

O *Brasil-Portugal* dá os seus mais sinceros parabens ás creanças. Ellas não tinham até aqui um theatrinho onde representassem artistas do seu tamanho, onde se exhibissem espectaculos que a sua intelligencia infantil de prompto comprehendesse e assimilasse. E' justo é confessar que se agruparam elementos de diversa natureza para que *d'idealismo* fosse completamente realisado, para que os sentidos da creança — principalmente o da vista — ficassem não só satisfeitos mas tambem maravilhados, e para que os paes, que tão alerta devem estar sempre sobre a incipiente educação dos filhos, podessem emfim certificar-se de que no theatro do Infante, o que lá vêem, o que lá ouvem, o que lá gosam os filhos, nem em mal pode causar-lhes ao espirito, porque desde o scenario até á peça, está tudo temperado e organizado por mão de mestre.

Sala pequenina, artistas pequeninos, magica infantil *A historia da Carochinha*, luxo apropriado de decoração, bailados, marchas, visualidades, tudo que seduz e encanta a vista da creança, avida de espectaculos d'esta natureza, realisaram por completo o fim em vista aquelles que tiveram a idéa feliz de consagrar ás creanças um pequenino theatro.



Theatro do Infante — Historia da Carochinha

Schwalbach! Em que melhores mãos se deveria pôr a incumbência de escrever uma peça que as creanças applaudissem?

De tantas obras de valor que tem produzido não são porventura os filhos queridos que occupam a maior, a parte mais sensível do seu coração?

Para que a obra sahisse o que sahio, e que no genero pode chamar-se uma obra prima, era indispensavel que o merito consagrado do escriptor dramatico se conjugasse com o acrisolado amor de pae, de que elle é tão cioso que por nenhum outro o trocaria!

E d'ahi o enthusiasmo causado todas as noites pela sua peça, tão colossal quanto o pode ser partindo de espectadores... quasi microscopicos.

Salvador Marques, para quem não pode ter segredos o theatro, porque lhe tem consagrado toda uma vida de culto, de amor e de intelligencia, tem, logo a seguir, importantissima parte n'esse exito, pois que nos mais pinguos detalhes do desempenho se accentua a sua intelligente direcção.

Depois a scenographia de Eduardo Machado, que é toda ella um primor de arte e de gosto, o guarda-roupa luxuoso e elegante, que o emprezario Libório podia, como ninguem, pôr ao serviço de uma empresa tão sympathica, e por fim, mesmo para fecharmos com chave de ouro... os artistas!

Pois não é um encanto para o espirito, tão cançado ás vezes de os ver, annos a seguir, arrastar a arte por outros theatros, não é uma delicia intellectual ver estes pequeninos seres, sem revelarem um constrangimento, sem denunciarem um *tour de force*; tão perfeitamente mettidos no seu papel, representando com graça, dizendo com intenção, gesticulando appropriadamente, mostrando, em summa, que não é privilegio de pessoas grandes a comprehensão da arte nas suas nuances, a interpretação dramatica com as suas exigencias para dar ao espectador a emoção, quer no riso quer nas lagrimas?

E por todas estas razões que o *Brasil-Portugal*, ao mesmo tempo que felicita todas as creanças, deixa bem registada n'esta pagina a impressão que lhe causou esse adoravel *Theatro do Infante*.

A companhia lyrica do Colyseu dos Resreios



RAMONA GALAN
Melo soprano



MARIA GALVANI
Soprano ligeiro



ANGELA PENCHI
Soprano dramatico



ADELINA COLOMBINI
Soprano dramatico



HENRIQUETA ACEÑA
Soprano ligeiro



ADELA GAZULL
Soprano



GIOVANNI SOLDA
Baixo



SOLEDAD MENENDEZ
1.ª bailarina



AUGUSTIN CALVO
Baixo



ANITA ISQUIERDO
Soprano comprimario



EMILIO CARULLO
Barytono



PIETRO GIACOMELLO
Barytono



GIOVANNI PEIRANI
Tenor



MANUEL CANDELLA
Baixo



NICOLÁS BURE
Tenor



VICENZO PETRI
Maestro



LUIGI CECANELLI
Tenor

BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão
 Texto e capa: Companhia Nacional Editores
 Largo do Codo Barão, 36
 Páginas supplementares: Off.º Excelsio Nunes & V.º
 Rua d'Assumpção, 18 e 24
 Romance: Typographia Castanheto
 Calçada de S. Francisco, 13

Directores
 Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares
 Editor
 Luiz Antonio Sanchez
 Redacção e administração — Rua do Carmo, n.º 45, 1.º
 LISBOA
 Endereço telegraphico — BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	Anno.....
Numero avulso)	20000	62000	2000
	2000	38500	2000
		3 meses.....	Numero avulso.....
		Numero avulso.....	2000
			2000

SUMMARY

O commandante do couraçado «Florizão».
Eça de Queiroz — RAUL DE AZEVEDO.
A chegada dos boers.
Abnhi irmãs — Versos de R. NORONHA.
Moleiras — Versos de CELESTINO DAVID.
A festividade de N. S. das Dores.
Exposição de Cerâmica no Porto.
Sauidades das Açores — ALFREDO DE MESQUITA.
General Venesclau Telles.
Anhor Francez — PÉDRO DE CARVALHO (Timop).
Visconde de Villa Boim.
História do hotel «Vae com Deus» e da sua companhia — RAUL BRANDÃO.
Dr. Eduardo de Avellar.
Inveniência — Versos de E. A. VIDAL.
Política internacional — CONSILIANO PEDROSO.
Theatros — D. Amélia — Gymnasio — Colyseo dos Recreios — Theatro do Infante — JAYME VICTOR.

Páginas supplementares

Os nossos correspondentes.
Capas para o «Brasil-Portugal».
Tauromachia — EGYDIO DE ALMEIDA.
O NOSSO JOURNAL — (A quinçena noticiosa).
Cartas da Quinquena.
Aneddotas.

44 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO — Agencia Central dos Estados do Sul; Coronel Theodorico Peppo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alfindora, 4, sobrado.
 PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.
 PARÁ — J. B. dos Santos & O.º — (Livreria Classica) — Rua Joo Alfredo, 52.
 MANGABÉ — Folhadella — Casa Andrezen & O.º — Praça Tamandé.
 MARANHÃO — Leonolo J. de Medeiros & O.º.
 CEARÁ — Balles Torres & O.º.
 BAHIA — José Luiz da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 24.
 PELOTAS — Carlos Pinto & O.º (Livreria Americana).

PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & O.º (Livreria Americana).
 RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & O.º (Livreria Americana) Rua Marechal Florizão, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.
 ROSARIENSES — Joaquim Teixeira de Assumpção.
 QUELIAMBÉ — Benigno Jorge de P. Royan.
 HENGUELLA — Mathéus & Tavares.
 LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Haitor da Silveira de Lourenço.
 BOLAAMA (Quilim) — Cesar A. Gouveia da Silva Homem, Thesoureiro geral da Provincia.

No Continente

PORTO — (Agente geral no Porto e no norte.) Antonio Costa Ferreira, Rua do Almada, 431, 1.º.
 EVORA — (Agente geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, Rua de Ladeira, 15.
 BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.
 FONTE DE LIMA — Gama, Amarel & Com.º.
 COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1.º.
 CASTELO BRANCO — Pedro Augusto Passosa.
 BRANCO — Antonio Augusto Salgueiro.
 SILVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
 S. COBACA — José Narciso da Costa.
 PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde.
 LERIA — Manuel Pereira Dias.
 FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira.
 VIANNA DO CASTELLO — J. R. Domingues.
 COCUBÉ — José Pereira Cabral.
 TAVILA — José Maria dos Santos.
 FARO — Maya & Trigozo.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.



— O patrão já sabe que morreu o Joaquim Pancrácio?
 — Oh! com mil demônios! Elle já tinha pago a conta?
 — Já, sim senhor.
 — Pobre rapaz!

TAUROMACHIA

Campo Pequeno

No dia 11 abriu a praça do Campo Pequeno as suas portas, para dar a segunda corrida da época e tambem 2.ª da assignatura, com 10 touros de Emilio Infante da Camara, touros e a cavallo por Joaquim Alves e Simões Serra, e a pé por Albuquerque e a sua cuadrilla, os bandarilheiros Theodoro, Cadeto, Torres e Manuel dos Santos.

O tempo nublado e agreste que fez durante a tarde, prejudicou um pouco o bom exito financeiro da corrida, mas ainda assim o publico affluir em quantidade bastante, para reduzir o prejuizo provavel que a empresa teve.

Vimos em toda a corrida quebrar 21 farpas e collocar 21 pares e 6 meios de bandarilhas, e 3 simulacros.

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

(A quinzena noticiosa)

A questão das congregações religiosas

Serenou a agitação nas ruas, o que não quer dizer que serenissem também a dos espíritos que continuam sobreltados. O decreto de 10 de março continua executando-se lentamente depois dos inqueritos chegaram ao conhecimento dos ministros.

Além das sete casas, cujo encerramento indicámos no nosso último número, fecharam mais: A dos religiosos de S. Francisco, em Montaria, Braga;

A dos jesuitas, em S. Bernabé, Braga; A Associação do Apostolado da Oração, em Villa Real.

E serão mandadas fechar mais estas sete: O convento do Varatojo, em Torres Vedras; A casa da ordem Benedictina, na quinta Singeverga, em Santo Thyrsio;

O Colégio de Serpa, em Serpancelhe, centro dos jesuitas;

O Apostolado da Oração do Coração de Jesus, em Villa Nova de Paiva;

O recolhimento da Aldeia da Fonte, no Sabugal, centro de missionários jesuitas;

O convento de S. Bernardo, em Peniche, pertencente aos Franciscanos;

O convento da Torre da Boa Fé, também dos mesmos, em Evora.

Entretanto El-Rei recebeu em audiência tres comissões de Lisboa, Porto e Braga, presidida a primeira pelo cardeal patriarcha, a segunda pelo conde de Samodães e a terceira pelo conde de Bretilandis, que entregaram a Sua Magestade tres representações pedindo a conservação das ordens religiosas. O chefe do Estado respondeu: — Como rei de um paiz, onde a religião catholica é a religião do Estado, accetto esta representação e recommendarei ao meu governo que resolveia este assumpto da maneira mais consistente com as leis do Estado.

Esta resposta não agradou porém muito aos representantes das representações, mas o paiz applaudiu-a. Dois dias depois quando o soberano entrou no seu camarote para assistir à tourada na praça do Campo Pequeno, o publico que enchia a praça, levantou-se fazendo uma enorme ovação. El-Rei conservou-se durante dez minutos de pé, fazendo a continencia militar, e o povo, de pé, saudou-o com vivas prolongados a Sua Magestade e a liberdade, e grandes salvas de palmas.

Dentro em tres dias deve sair um novo decreto precedido de um extenso relatório do governo sobre a questão. Esse decreto que será a ultima medida do governo sobre o assumpto mandará encerrar todas as congregações religiosas, admitindo apenas as associações que se destinarem a actos de beneficencia ou caridade, educação ou ensino, e a propagação de fé e civilização no ultramar, em que não haja clausura, pratica de convento, nem profissões ou votos prohibidos por lei. Mas estes mesmos terão de apresentar os seus estatutos dentro de seis mezes, que o governo approvará e publicará na folha official, ficando secularisados e obedecendo apenas ás autoridades civil e ecclesiastica portuguezas.

Esse decreto é esperado com viva ansiedade pelo paiz. Diz-se que depois d'elle sahir, os bispos tratarão da questão no parlamento.

Couraçado «Floriano»

Entrou hontem no Tejo este navio brasileiro commandado pelo capitão de mar e guerra Bacceller Pinto Guedes. Fundeou pouco antes das tres horas, tendo saído à terra que lhe correspondu. Foram logo a bordo o consal do Brasil e o chancelier, assim como o 1.º tenente de marinha Arthur José dos Reis, nomeado official ás ordens do commandante durante a sua permanencia no Tejo.

Hoje, fará o commandante, acompanhado pelo ministro do Brasil, ás visitas do estylo ás autoridades superiores de marinha, e aos ministros da marinha e negocios estrangeiros, os quaes

irão a bordo no dia seguinte retribuir eeses cumprimentos.

Em honra dos marinheiros brasileiros haverá um espectáculo no theatro do D. Amélia, promovido pelo empresario da Avenida o sr. Sousa Bastos; outro no theatro de D. Maria, organizado pela Associação dos Jornalistas, com o original portuguez *Peralas e Secias*, de Marcelino de Mesquita, e tres possias allusivas e expressamente escriptas pelos srs. Alfredo da Cunha, Lopes de Mendonça e Jayme Victor, e os productos de ambos revertirão a favor da Sociedade de Beneficencia Brasileira.

El-Rei que os receberá quinta-feira 18 offerece-lhes n'essa noite um jantar. Haverá outro banquete na legação; um *lunch* a bordo do couraçado offerecido a El-Rei e à Rainha; um passeio a Cintra e *lunch* no palacio da Pena, offerecido pelo ministro da marinha; e uma festa promovida pelo Club Naval.

Prisão de um negociante do Brasil

A requisição do consul do Brasil em Lisboa, a policia do porto foi a bordo do vapor allemão *S. Paulo* prender um passageiro que vinha a bordo sob o nome de George Mayer, embarcado na Bahia, e que era o italiano Giuseppe Merlino que no Brasil havia fallido fraudulentamente. Como os passageiros do vapor devessem ir para quarentena, a policia entregou a ordem em officio para o Inspector do Lazareto, mas o passageiro percebendo que se tratava d'elle, quando entrava já no barco voltou para o vapor e refugiou-se no camarote, dizendo ao capitão que seguia viagem para Hamburgo. Foi necessario que a policia lhe voltasse ao vapor, e então o capitão procurou-o e disse-lhe que saísse do camarote. Merlino desfechou quatro tiros de revolver contra a policia, mas só uma bala lhe entrou na face. Pensado logo pelo medico do vapor, foi conduzido em cadeirinha para o Lazareto de onde sahia du dia seguinte sob prisão, ficando na enfermaria da cadeia á disposição da autoridade brasileira.

Os Boers

Chegou uma nova leva de emigrados boers que foram para as Caldas da Rainha, ficando alojados no edificio do hospital. Tanto estes como os que estão em Peniche e em Alcobaca teem muito melhor cõr, e parecem satisfeitos com o tratamento.

Alguns teem soffrido de febres d'África, mas logo se restabelecem.

Os habitantes d'aquellas localidades teem-nos obsequiado muito.

Dos soldados boers que ficaram no hospital, em Lisboa, morreu um de origem hollandeza, natural do Cabo, de nome S. P. Duplessis. Tinha 58 annos.

Navio «Patria»

Este navio, cuja construcção é feita pela colonia portugueza no Brasil, será feito no Arsenal da Marinha, em Lisboa.

Logo que a canhoneira-torpadeira aqui em acabamento fiquer prompta entrará elle em construcção, sendo nomeado um official da armada para intervir nas relações da comissão encarregada de dar execução ao intuito dos subscriptores.

O novo navio será de aço, deslocando 600 toneladas, e tendo uma marcha de 14 milhas.

Monumento ao Rei e Rainha

O habitantes de Angra do Heroísmo abriram uma subscrição, para a qual a maior quota não pôde passar de 1250, para se erigir ali um monumento commemorando a visita dos soberanos aos Açores, que se deve effectuar dentro em dois mezes.

Companhia de Moçambique

O Governo annulou as resoluções do Governador dos territorios d'esta Companhia, acerca da commissão sanitaria da Beira, e ordenou em

Os 4 touros que receberam aquellas 21 farpas deram bem para o cavallo, sobreshando o primeiro que era voluntario e bravissimo.

Dos outros tres, só um, (o 4.º) de Simões Serra, exhibiu tenacidade muito de qua aggressiva.

Os de pé portaram-se bem, com excepção de um ou outro, (como o 3.º e o 7.º por exemplo), que demonstraram raiva mansa.

Na gente portugueza representada pelos bandarilheiros acima referidos só se salientou o Santos no ultimo touro, cravando dois pares — *mandando á viagem* que se applaudiu. Jorge Cadete, n'este mesmo touro, deu um bom par 6 paola, e não fez mais nada digno de menção, no que foi secundado por Torres, que tem a desculpa ou uma certa actividade no manejo do capote.

Os forcados levaram um calor de bordoadas, e o mesmo succedeu ao toureiro *Blanquillo*, que foi apanhado pelo 2.º touro e volteado apparatusamente.

Moyano bandarilheiro superiormente, e *Seviliano bragou* com consciencia e sciencia.

Emquanto ao espada, que propositadamente deixámos para o fim, emprime-nos dizer que, apesar de ter apenas desembarcado do comboy, procedente de Madrid, e entrar já fardado na praça, não se negou ao trabalho posto que estivesse fatigadissimo.

Prejudicado pelo vento lançou de capa o melhor que pôde, e com a *moleta* no 8.º conseguiu entusiasmar o publico, e satisfazer-nos com dois simulcros deixados a *volapié*, que nós reputamos de excellente qualidade.

Tambem bandarilhou o 5.º com um par a *quebro*, e mais meio a *cuarteo*, inferior qualidade.

O da Algafo foi muito applaudido e desde logo obteve contracto para o domingo seguinte. Ao espectáculo assistiu a familia real composta de El Rei D. Carlos, S. M. a Rainha senhora D. Amelia e SS. A. A. o Principe Real e Infante D. Manuel.

Em 15 do corrente vimos na praça do Campo Pequeno a 3.ª corrida da epocha e 1.ª de assignatura, a que entendemos deve chamar mixta, porque dos 10 touros que se lidaram, 4 foram tarpeados por José Bento e Fernando d'Oliveira, 4 bandarilhados por portuguezes, e 2 picados, bandarilhados e estoqueados, á espanhola (simuladamente, claro).

A corrida principiou logo depois de findas as cortezias, ás 4,32 da tarde, e depois de lidado o 1.º touro, quando se bandarilhava o 2.º, entrou El-Rei no seu camarote ás 4,45 da tarde, sendo recebido por uma prolongada e retumbante salva de palmas com que o publico lhe premiou a sua energica attitude, em face da questão anti-jesuitica que ultimamente tem agitado todo o paiz.

Os touros que o sr. Estevão d'Oliveira nos mandou, de Pancas (Alcochete), eram gordos, bonitos e bem tratados, mas depois de umas arrancadas velozes e d'uns assomos de bravura ficticia, *transformaram-se* em animaes de lide difficil e perigosa.

José Bento farpeou o 1.º e 6.º com bons resultados, porque tem agora um bom cavallo de confiança, e Fernando d'Oliveira que reaparecia depois do seu regresso d'África, teve á entraya uma grande ovação.

Touros como de costume, isto é, bem, o 4.º e 9.º, o ultimo dos quaes um tunante com todas as manhas e subtilidades d'um jesuita encartado nas Trinas.

Os dois espadas *Bombita I* e *Algaefio* tourearão o melhor que puderem, de accordo com as difficuldades dos de Estevão, mexendo no *percal*, no *trapo*, nas bandarilhas e no estoque de pau, com toda a gentileza e elegancia de que é susceptivel o toureiro andaluz.

Algaefio sobretudo é admiravel no modo como mata, devendo ser assombroso quando executa essa sorte a valor.

Dos *pie dore* e *bandarilheiros* sobreshou o *Puiga* do Triano n'um *sesgo* no 8.º

A gente nacional representada por Calabaca, Cadete, Santos e Rocha andou geralmente bem, voluntarios e com bons desjos.

Cadete, muito mais feliz do que outras vezes, bandarilhou perfeitamente e *quitou* ainda melhor os touros aos cavalleiros; Rocha no 10.º sangrou com vista e arte; e Santos *quebrou* com luzimento dois excellentes pares no 3.º e 7.º

Os forcados foram muito poupados pelo director da corrida, Vicente Mendes *(Pescadero)*, que governou a lide com acerto e correcção.

O CARTAZ DA QUINZENA



D. Maria.—Está marcada definitivamente para sábado, 20, a primeira representação da peça de Blumenthal e Kadelburg, *Os dois braços*, cuja distribuição já demos no último numero.

No fim do mez, a companhia parte para o Porto, percorrendo depois varias provincias do Norte.

O seu repertorio é o seguinte:

Frei Luiz de Souza, de Garrett; *Peralta e Secia*, de Marcelino de Mesquita; *Um anjo da pelle do diabo*, de Castilho; *Catharina*, de Lavadan; *Tartufo*, de Molière; *Avareto*, de Molière;

Um pae prodigo, de Dumas; *Papa flores*, de Von Moser; *Lucta intima*, de Augusto Motta; *Os dois braços*, e o *Caminheiro*, de Richopin, que será a escolhida para a estreia.

D. Amelia.—A companhia de opereta franceza debuta na noite de 25 com a *Veroni-*

que. Entretanto, a companhia Rosas & Braço, que vai fazer uma tournée pelas provincias, enta, a companhia allemã, traducção de Accacio Antunes, *Viagem á Turquia*, assim distribuída:

Roberto Möller.....	Augusto Rosa.....
Laura.....	Maria Pia.....
Frederico Drossell.....	João Rosa.....
Helena.....	Carolina Falco.....
Luiz Salden.....	Maria Faleão.....
Demetrio Mistrouruski.....	Alves.....
Alfredo Strahlen.....	Pinheiro.....
Barão.....	Luiz Pinto.....
Sarah Krafft.....	Gil.....
Baroneza.....	Angela Pinto.....
Bertha.....	A. O'Sulivand.....
	Maria Ferreira.....

Esta comedia será representada depois das recitas da companhia franceza.

Depois entrará em ensaios *O Condemnado*, peça em 5 actos, original do sr. Archer de Lima, um escriptor novo.

Esta peça só subirá á scena na proxima época.

Trindade.—Para quinta feira 18 está marcada a primeira representação do *Bico do papagaio*.

Gymnasio.—Em ensaios a comedia em 3 actos *La station Champonin*.

Bua dos Condes.—Percorrem as ultimas representações da revista de E. Schwabach *Nicles*... que será a ultima obra theatral, n'este genero, do aspirante escriptor, pelo menos, n'estes annos mais proximos. Schwabach vai dedicar-se exclusivamente ao drama e á comedia.

Avenida.—Depois do *Talvez te esqueça* e para entrarmos com esta revista de Souza Bastos, teremos breve o *Girofla, Girofla*, musica lindissima que ha muito se não ouve, e que Palmyra Bastos deve cantar com todo o primor artistico, que costuma imprimir aos seus trabalhos.

Colyseu dos Recreios.—A Companhia lyrics que debutou no dia 7, tem agradao muito, em *reparar* das operas mais conhecidas e apreciadas do nosso publico. Breve teremos outras de maior novidade, como por exemplo o *Samsão e Dalila*, que pela primeira vez em Lisboa se cantou este anno em S. Carlos, e que está assim distribuída:

Dalla.....	Ramona Galan.....
Samsão.....	Giovanni Peirani.....
Sumno Sacerdote de Daggon.....	Emilio Cabello.....
Abimelech, Satrapa de Gaza.....	Agustin Calvo.....
Um mensageiro philistue.....	Nicolas Bubé.....
Um velho hebreu.....	Manuel Candela.....
Primeiro philistue.....	Antonio Bensi.....
Segundo philistue.....	Francisco Lorezana.....

Real Colyseu.—Depois de um longo periodo de inactividade, reabre esta casa de espectaculos no dia 19 com a companhia do actor Taveira que breve chega do Porto. A peça escolhida é o *Burro do sr. Alcalde*, genuinamente portugueza, prosa de Gervasio Lybato, verso de D. João da Câmara e musica de Cyraco Cardoso.

portaria a observancia rigorosa das leis e regulamentos no que respeita aos actos d'esse funcionario.

O conselho de administração da Companhia reunido debatero o assumpto, sendo proposto a demissão do governador, mas devendo-se consultar primeiro sobre o caso os administradores estrangeiros.

Para administrador delegado da Companhia foi escolhido o antigo governador de Moçambique, coronel Joaquim Machado.

Cambios

Na semana que terminou ante-hontem os cambios ficaram a 36 1/16 sobre Londres, 776 sobre Paris, 319 sobre Berlim e 920 sobre Madrid. O premio da libra regulava entre 305 e 305 e o cambio do Brasil ficou a 12 1/4.

O matador das ratas

O já celebre pedreiro Luciano que tantas ratas tem apanhado no nos canos da capital, desde que no Porto appareceu a peste bubonica, felizmente debellada, e que havia ido, ha pouco mais de um mez, ao Rio de Janeiro voltou lá como creador de bardo.

No Rio só se demorou 7 horas visitando, diz elle, alguns jornaes e o consul Portuguez que o gratificou com 200000 réis. Tambem entrou nos canos das ruas Ovidor e Sete de Setembro. Offereceram-lhe 400 réis por cada rata que matasse ou 15000 réis diarios, mas elle não accetou porque apenas teve em vista examinar a condition d'aquella cidade que achou em bellas condições.

Companhia da Ilha do Principe

Esta companhia que está em pleno apogeu deu no anno de 1900, 208 contos de lucros, distribuindo o dividendo de 12 % por accção, livre de imposto de rendimento. Apesar do anno agriavel ter sido mau, obteve das suas propriedades mais 3.850 arrobas de cacau e café, do que no anno anterior pois a produção foi de 64016 ar-

robas. Nessas propriedades tem a companhia em S. Thomé 2.045,300 plantas de cacau, de café 1.662,300 e 740,300 pés de borraça, e no Principe respectivamente 816,437 e 202,301 plantas e 6.699,2 pés de borraça.

A exploração agricola rendeu liquido 244 contos.

Isto prova que as nossas colonias bem aproveitadas podem dar.

O maestro Gaspar

O mestre da banda da Guarda Municipal que tão brilhantemente a elevou a uma das primeiras bandas não só do paiz como da península, tendo obtido varios premios em diferentes concursos internacionaes, morreu victima de uma lesão cardiaca. Era actor de diversas composições musicas e entre ellas de uma alvorada que em tempo foi executada por todas as bandas regimentaes sob a sua direcção; dirigiu durante anno o sexteto do theatro normal, e era um musico muito distincto.

No seu funeral enconporaram-se todas as bandas regimentaes que n'esse dia estavam disponiveis e que acompanharam ao cemiterio o seu cadaver, executando varias marchas fúnebres.

Alcool de vinho

Foi nomeada uma commissão para tomar conhecimento dos progressos realisados na distillação do vinho e agua-pé, na rectificação do respectivo alcool e aguardente, indicando em relatório justificativo osapparehos mais recommendaveis e que devem ser preferidos no paiz, distinguindo:

1.º Os que se destinem á distillação rectificação directa e permitam obter immediatamente, do vinho ou da agua-pé, alcool extra-neutro da graduação centesimal de 96 a 97;

2.º Os que se destinem á rectificação continua, extrahindo directamente das aguardentes de vinho, agua-pé ou bagaco, o alcool extra-neutro de 96 a 97 centimaes;

3.º Os rectificadores discontinuos para produção de alcool neutro, extrahindo-o das mesmas aguardentes;

4.º Os apparehos locomoveis da distillação mais adequados para a produção de boa aguardente fina e alcool vinico, conservando o sabor de origem;

5.º Os orçamentos de aquisição, installação e laboração de cada um dos apparehos indicados;

6.º A importancia provavel das despesas do hectolitro de alcool neutro, para cada um dos apparehos escolhidos, sem incluir o custo da materia prima distillavel, e suppondo um periodo de laboração de cem dias de cada anno.

Propostas do ministro da guerra

As que o Parlamento vae agora discutir são:

1.º Fixação da força publica em 30000 homens.

2.º Contingente de recrutas em 16000 homens para 1901.

3.º Alterações á ultima reorganisação do exercito.

4.º Autorisação para compra de armamento para defesa do porto de Lisboa e barra do Porto.

5.º Reorganisação da fundição de canhões.

6.º Alterações á lei do recrutamento.

7.º Arrendamento da fabrica de polvora em Barcarena.

8.º Lei sobre fabrico e transporte de explosivo.

9.º Lei de promoções.

10.º Alteração á lei de servidas militares.

11.º Elevando a 18000 réis o soldo dos alferes reformados, que tem 15000 réis.

12.º Isenção de contribuição de renda de casas aos officiaes arrematados.

13.º Concedendo para os cursos militares a facultade do allemão ou do inglez.

14.º Revogação do praso em que são dispensados do exame de allemão os officiaes destinados ao curso do estado maior.

O exercito colonial

Para evitar as grandes despesas com repetidas expedições militares para a Africa, que nos últimos annos tem sido enviadas, o governo pensa organizar um exercito colonial.

Indunas de Macombe

Os indunas representantes do regulo de Macombe, que eram acompanhados pelo tenente Raul da Costa, foram recebidos pelo Rei, depois a seus pés, como acto de vastalagem prestado ao soberano de Portugal, dois dentes de elephante. Um dos indunas fez um discurso, narrando a missão da que o encarregaram, discurso que o interprete traduziu.

Estes dois pretos chamam-se *Iammecineque* e *Mulanda-Mula* e mostram-se radiantes com a visita a Portugal. Toes os deslambra a Rainha, com quem conversaram por intermedio do interprete, causou-lhes grande admiracao, dizendo depois que nunca viram pessoa mais bella.

Varias noticias

Libaos. — Na tarde de sexta feira houve a tradicional processão dos Passos, no mosteiro das Comendadeiras, em Santos-o-Novo. Esta processão dá a volta ao claustro e assistem a ella apenas senhoras, tomando parte varias damas da alta sociedade, que trajam todas de preto e mantilha. A Rainha este anno não assistiu.

— A duquesa de Palmella fez distribuir um d'estes dias pelos pobres. 500 senhores de jantares das Cosinhas Economicas; e d'esta illustre fidalgas distribue jantares a pobres, todos os dias.

— Já deram entrada no Mercado Central os Productos Agricolas algumas das amostras de vinho pedidas a varios viticultores, para se fazer com ellas a propaganda na Dinamarca. Vão ser remetidas ás principaes casas importadoras dinamarquezas, que esperam collocar um bom stock.

— Partiu para Loanda, onde vai seguir a carreira commercial, o sr. Julio Lobato.

— Um decreto modificou o lucto por fallecimento de pessoas reaes, reduzindo a 4 mezes pelo imperante de Portugal e 3 pela consorte: 2 pela paisa, avós e bisavós, filhos primogénitos: 30 dias pelas infantas; e d'esta illustre familia distribue d'minus o grau de parentesco.

— Parte hoje para o Brazil uma companhia dramatica dirigida pelo actor Christiano de Sousa. Fazem parte d'ella as actrices Lucilia Simões e Cecilia Neves, e o actor Chaby, além de outros que pela primeira vez vão á America. Lucilia Simões não acompanha d'esta vez sua filha.

— Na Avenida da Liberdade, em umas escações que se estava fazendo n'um terreno, onde em tempo houve o convento de Santa Rita, encontraram-se varias ossas humanas, que foram removidas para o cemiterio. Calcula-se que tenham 100 annos.

— Partiu para o Rio da Prata o sr. Eduardo Borges de Castro, que vai ás republicas Argentina e Uruguay, como agente commercial official fazer all uma exposiçao dos nossos vinhos e procurar para elles novos mercados.

— Reuniu na Sociedade de Geographia o Congresso dos Nucleos da Liga contra a Tuberculose. Vieram representantes de todo o paiz, assistindo nos trabalhos mais de 500 medicos. A Rainha assistiu á sessao de encerramento.

Leram-se memorias muito curiosas sob o ponto de vista scientifico e alguns congressistas fizeram conferencias acerca do desenvolvimento do mal e meios de o combater.

— Continua em estado grave o illustre publicista Teixeira Gomes, conhecido do Secho.

— Inaugurou-se na Avenida da Liberdade, em recinto vedado, uma bonita kermesse a favor da Associação Protectora dos Rapazes Pobres. Promoveu-a uma commissão de senhoras da sociedade elegante que vendia as sortes nas barracas. Tem sido muito concorrida e os premios offerecidos pelos principaes estabelecimentos de Lisboa, são lindissimos.

— Na Sociedade de Geographia começaram as conferencias promovidas pelo Congresso Colonial. A primeira foi do professor Consiglieri Pedross e a segunda do official de marinha Ernesto de Vasconcellos.

— Está jnto o casamento do Dr. Cupertino Ribeiro, medico muito conhecido, com a sr.^a D. Laura Lambertini Pinto.

Porto. — Para conclusao do edificio da Academia Polytechnica, foi já expropriado o edificio do Collegio dos Orphanos.

— Está-se organisando um bazar exposiçao para a segunda quinzena de Maio, afim de se crear receita para o monumento a Garrett.

— Receberam-se telegrammas de Trieste, do sr. dr. José Calmon, agradecendo a varios amigos os favores recebidos.

— O *Journal de Noticias* mandou vir da Alemanha uma machina rotativa de tiragem de 18:000 exemplares por hora, imprimindo d'uma só vez um jornal de 4, 6, 8, 10 e 12 paginas, como se descreve.

— Para o Brasil do Brasil foi transferido de Marsella o sr. Alberto Conrado.

— Foi aberta falencia a Leonor Peixoto Sant' Anna, com merceria e confeitaria na rua de Santo Ildefonso.

— A Companhia das Aguas das Pedras Salgadas distribue um dividendo de 3 % ou 25:500 réis por accção.

— No dia 17, Silvestre Henriques, morador na rua do Castello Picio, armado de um grande varapau, bateu em José da Silva, que, junto com um amigo, passava pela rua da Galé. O Silva cahiu, mas quando se poudo levantar, fugiu e então o Henriques dirigiu-se ao companheiro do Silva, Manuel Bernardo, e vibrou-lhe uma outra paulada, que o prostrou a ponto d'elle se ter tempo de dizer: "Ah, ladrão, que me mataste! O aggressor foi preso 8 dias depois.

— Retirou para Stockholm, o sr. conde de Cronhelm, ministro da Suecia ha dez annos e aqui muito estimado.

— O antigo ministro da marinha Eduardo Villalobos dirigiu um jornal politico com o titulo *Diario da Manhã* e do qual é proprietario um cavalheiro que fez grande fortuna no Brasil.

Diario da Manhã era o titulo do jornal do falecido Pinheiro Chagas.

— A Companhia Nacional e Nova Fabrica de Vidros da Marinha Grande vae crear e emitir 300 contos em obrigações, pagando o imposto de rendimento.

— A Companhia de Credito Predial vae emitir tambem 900 contos em obrigações predias de 5 % a. pagave a seis semestres.

— Parte em fins de maio a commissão nomeada para a demarcação da fronteira entre o Congo portuguez e o Estado independente do Congo. A commissão congolesa sahe de Anvers na mesma epocha.

— Voltou de novo a ser major general da armada o sr. vice-almirante conde de Paço d'Arco.

— Morreu a viuva do estadista Anselmo Braamcamp, chefe do partido progressista, com quem casára em *articulo mortis*, a sr.^a D. Miquelina De Vecchy Braamcamp.

— Está em germe os operarios da fabrica da Companhia Fabril Lisboense, da rua da Palma, seguindo assim o proceder dos seus confrades de outras fabricas da mesma companhia. As greves são motivadas por causa de uma reduçao no preço dos salarios.

— Está em Lisboa o sr. commendador Antonio Joaquim Basto, presidente do Real Senado de Marinha do Rio de Janeiro, ecriptor e consul de France n'aquella cidade.

— Os aspirantes de marinha do curso da Escola Naval mandaram celebrar uma missa por alma do capitão de fragata José Maria da Silva, que foi commandante da corveta *Duque da Terceira*, navio escola. Isto, porva a muita estima que os alumnos tinham pelo seu antigo chefe.

— Foi servir na construcção do caminho de ferro de Benquella o engenheiro Amaral Granger e o conductor Octavio José Machado.

— Casou o sr. Arthur Ferreira Paiva, commerciante no Caramujo, com a sr.^a D. Guilhermina da Gloria Ferreira. Foram madrinhas a mãe do noivo e a sr.^a D. Thomazina Alves Caldas, e padrinha o sr. Manuel Marques Coelho e o maestro Antonio Laborada.

— O busto de Luciano Cordeiro, que vae ser collocado no vestibulo do Sociedade de Geographia, é feito pelo escultor Moreira Rato.

— Casou na igreja da Pena, o sr. João Malheiro, filho do negociante José Malheiro, com a sr.^a D. Julia Augusta Pereira.

— Foi officiado de S. Thiego foi agraciado o actor Augusto Rosa no dia em que fazia a sua festa artistica no theatro de D. Amelia.

— Um deputado da opposiçao, o sr. Dr. Velado da Fonseca, requererá toda a correspondencia trocada com o governo brasileiro acerca do caso Calmon.

— O consuleiro entregou á Camara um offerecimento offerecendo em nome do Rei de Inglaterra os protestos de estima que lhe dispensou por occasiào da morte de sua mãe.

— Lançou-se ao mar a nova armação pescatoria *Estrella*, propriedade do sr. Antonio Candido de Faria. Ficou ancorada ao norte de Leixões e na primeira colheita apurou 150:000 réis de sardinha.

— Morreu um velho muito conhecido por figurar todos os annos na processão de Corpo de

Deus, empunhando a bandeira de S. Jorge e trajando farda verde, chapu bicorne e barba á antiga, que elle durante o anno tratava cuidadosamente para a esse dia apresentar sempre o mesmo typo. Chamava-se Manoel Madeira, era serente da Camara Municipal e vendia o paldo serviço de figurar na processão, 5 réis por dia ou seja 25:12 réis annuaes.

— No campo 24 de Agosto fez-se a feira de S. Lazaro, que foi concorridissima. Os improvisados theatros e *restaurantes* tiveram uma enchente.

Bellosos. — No rio Cavado, andava Francisco Lopes da Costa, creado, com dois rapazes, Miguel e Mario, n'um barco. Ao passar o açude, o barco voltou-se, morrendo os dois primeiros. O terceiro foi tirado ainda com vida. Dos dois cadaveres, só appareceu o da creanga.

Mercena. — Appareceu um individuo, João Pereira Teves da Oliveira, natural de Moimenta da Beira, simulando ser surdo-mudo. Pediu esmola, dizendo que precisava percorrer 40 frequencias para juntar 500:000 réis com que havia de dar á Senhora dos Remedios, de Lamego, uma coroa de ouro que promettera quando recuperasse a lala. Hospedava-se sempre em casa dos parochos, para os quaes trazia carta de recommendação. Um medico, de esta villa, o tomou por enganado e em casa do sr. Visconde da Marceana, desconfiou d'elle e convenceu-o a suitar-se a varias experiencias de hypnotismo, findas as quaes lhe restituiu o dom da palavra. Mas quando quiz repetir as experiencias deante de varias pessoas, o rapaz percebeu e safou-se.

Campo Largo. — Vae cessar o facultativo municipal de dr. Jerjo Augusto Parrizas com a sr.^a D. Maria Justa d'Almeida Mocinha e Pereira, filha do rector do municipio.

Braga. — Ficou soterrado n'uma exploração de agua em Morreir, o trabalhador Joaquim Rodrigues, que morreu instantaneamente.

Estremoz. — Quando vinha da estação de Portugal, a dez kilometros d'esta villa, o trem que vai para Grândola, com 60 cavallos desvarou, arrombando o eixo da alfarda. O passageiro soffreu apenas o susto.

Getto. — Foi nomeado parcho commendado para esta freguezia, o padre Antonio Moreira Dias da Costa, que era esperado em Ermezeiro por grande multido de este lugar. Havia tres mezes que se esperava a sua chegada.

Pravezae. — Foi cuspiado de um cavallo o grande proprietario e vinicultor dr. Joaquim Pinheiro d'Azedo Leite, ficando em estado grave. O desastre causou grande consternação na terra.

Rio Maior. — A população dirigiu ao Rei uma petiçao pedindo o perdido para o reservista Vicente de Santos.

Villa Nova de Portimão. — Os gatuos roubaram da merceria de Francisco da Silva, varios generos e 100:000 em dinheiro.

Asambuja. — Quando estava na estação de Villa Franca para embarcar para Lisboa, morreu de um ataque subito Antonio Durao, de 70 annos, empregado na Quinta do Perestrello, em Alemquer.

— Partiu para o Pará, Manuel Pires Monção irmão do coadjutor de Villa Franca.

Bellosos. — Na fabrica de papel da Abelheta, no Tojal um dos operarios colhido pela machina, morreu instantaneamente.

Vizos. — Tem indignado o publico a resolução do Sr. Nuno de Albuquerque de Lousa, prohibindo o enterramento de recém-nascidos no cemiterio, sob pretexto (!) de que não são humanos.

Figueira da Foz. — Casaram civilmente os sr. Raul Augusto de Figueiredo Dias e a sr.^a D. Adelaide Augusta de Brito, natural do Amazonas (Brasil).

Vizos do Castello. — Suicidou-se Manoel Simplicio de Arujo, sobrinho do abbade de S. Lourenço da Monteria.

— Perto da barra encaihou o biate *Pempis II* cujos tripulantes foram salvos n'uma jangada que lhe lançaram uns rapazes da terra, tres dos quaes durante esse trabalho, que foi insano, chegaram a cair ao mar.

— Cahiu ao rio Manoel Antonio Russo, que foi salvo por um escalet.

Grândola. — Um roleteiro de nome Jeronymo da Silva, a *Salsa*, assassinou, com uma pistola, Francisco Beatriz, dono do armazem de vinhos da praça de D. Jorge.

Fôra o caso que, estando aquelle a beber na loja, depois de terem conversado os dois, o Salsa começou a injuriar, e o Beatriz respondeu pondo-o fóra de casa com dois pontapés. Quan-

do, este fechou a loja, foi para casa de um vizinho, onde o Salsa o viu, provocando-o. O Beatrix ficou sabido, mas este desfez-lhe a 4.ª quema-roupa, e a tiro, um dos quaes o feriu no coração. Morreu logo.

O crime causou grande impressão em toda a villa.

Gouvea — Uma filha do sr. Antonio Fernandes, pegou fogo ao vestido, morrendo horas depois, horrivelmente carbonizada.

Torres Vedras — José Rodrigues, de 66 annos, seu filho de 34, Gregorio Pedro, José Miguel e José libeto todos habitantes do Casal da Viola foram presos por terem agredido com uma enxada o aparelho for Manoel d'Oliveira O calca branca, solteiro e morador na villa, deixando-o em estado comatoso, e com uma febre recorrente, o trabalhador João Paulo, dos Cazoes do Castellão, frequenta de S.ª Mamede da Ventosa, que ficou em estado muito grave.

Lagos — Suicidou-se o soldado reformado Francisco Antonio, natural de Bensalem.

Alhandra — Uma mulher de nome Isabel Mangerona deu á luz 3 crianças, uma do sexo masculino e duas do feminino, nascendo o primeiro á tarde e as outras duas na manhã seguinte. Uma das duas morreu logo. A parturiente está em estado satisfactorio.

Bragança — Casou o amanuense da administração do concelho Francisco Leão com D. Ana Alves. Foram padrinhos os sr. Alberto Leão e D. Olivia Leão.

Pecqueur de 1.ª Vozga — Apareceu na rua, morta, a mulher de Lucio da Silva Escuro.

Salvaterra de Magos — Algumas vinhas appareceram atacadas de um bicho chamado *Pidão*, fazendo grandes prejuizos.

Portalegre — A construção do edificio para a escola primaria d'esta cidade foi arrematada por 449,8500 réis e a do Crato por 22,9050 30 réis.

Almada — Um pequenito de 5 annos, filho de Gabriel de Fitas, andando a guardar vacas, cahiu dentro de um poço morrendo afogado. Parece que fóra ali para tirar grã para beber.

Gaminas — Este anno não se fazem as festas da Rainha Santa.

— O proprietario Alexandre José de Figueiredo offereceu 2000800 réis para compra de instrumentos cirurgicos para o gabinete da faculdade medica de Coimbra.

Azambuja — Na freguezia de Alcoeite depois de um casamento, os noivos e os convidados metteram-se em trens levando umas dez dazias de foguetes que iam lançando ao ar, pelo caminho. O convidado que os deitava ao largar ficou a um dos foguetes, communicou-o aos outros que se incendiaram rapidamente. Estabeleceu-se tal pânico dentro do carro que todos pretendiam apae-se ao mesmo tempo, e não o conseguindo ficaram muito queimados morrendo um dos convidados, de nome Antonio Ignacio.

Felgueiras — A expensas do dr. Antonio Mendes, da Casa de Cabeça, Vice-Prevedor da Misericordia, va-e-se construir um pavilhão provisório junto ao hospital.

Albô — D. Amelia Bravo Borges, viuva e moradora em Lisboa foi offerecido um palacetete n'esta villa para se instalar um hospital para os pobres do concelho. Estão-se elaborando os estatutos.

Esta dadia teve por fim perpetuar a memoria de seu marido, natural da villa.

Alpedrinha — Quando se estava procedendo á execução de um divertimento publico, conhecido vulgarmente pelo nome de Castello deu-se uma explosão de pólvora que o fez ir pelos ares. Quatro homens ficaram queimados, morrendo um d'elles, Francisco Luz, horas depois. Os outros eram Antonio Hippolyto, Feliciano Moreto e Manoel Tenetto e estão melhores.

Evora — O dr. João Baptista Rollo fallecido ha pouco deixou um testamento curioso com varios legados aos sobrinhos, estas quatro clausulas:

30 contos para um Recolhimento escolar; 20 para um Asylo de cegos, ambos n'esta cidade; 10 contos para um Asylo de infancia desvalida em Extremoz e 8 contos para uma Creche em Portulegre, devedo todos estes Institutos ter por titulo o meu nome.

— Deixou-se em theologia o sr. Oliveira Guimarães, sendo padrinho o bispo do Porto. A cerimonia realisa-se 21 de abril.

— Tres lavradores da Anadia, que se dirigiam a S. Martinho do Bispo, para visitarem o cura da freguezia, seu parente, que estava doente, foram apunçados e espancados por varios populares, que os tomaram por jesuitas disfarçados.

— Reuniu a Sociedade dos Banhos do Luso, approvando-se as contas da gerencia e reconduzindo-se os antigos directores.

O sr. Bernandino Machado fez uma conferencia sobre a instrucção no acto inaugural da abertura da sua bibliotheca particular ao publico.

— O conego Dias Andrade fez uma magnifica conferencia na Sé Cathedral, sobre o socialismo.

— Casou o dr. Pedro Doria Nazareth com a sr. D. Maria Victoria de Oliveira Mattos, filha do deputado Oliveira Mattos.

Necrologia

De 13 de março a 15 de abril falleceram :

Em Lisboa: D. Margarida Salles Pinto Miranda, D. Isabel Mendonça Valladas, D. Mathilde de S.ª D. Isabel Joaquim da Azevedo Chaves, Francisco Damaso de Moraes, Joaquim Braz, D. Palmira Rosa Libania, D. Lucia Mathilde de Loureiro Krusse, Joaquim Coelho da Silva, D. Emilia Ritta de Mendonça, Antonio Joaquim Domingues, D. Maria da Gloria Felner, D. Anna Maria Figueiredo Herrera Verdier, Luiz Borges Martins, Jacintho Luiz de Mello, D. Genoveva de Jesus Villela, Carlos Monca, o general de brigada Antonio da Silva Monteiro, José Leandro de Abrujo, Carlos Rodrigues e Girou Martin, D. Marianna da Conceição, D. Isabel Ritta das Mercês, D. Maria Augusta de Lemos, João Pacheco, D. Ignez Joaquina do Espírito Santo Pinto, D. Maria da Conceição Oliveira, D. Maria Julia Xavier Machado, D. Albina Dias Pires, D. Rosa Viçosa Costa, D. Henriqueta Maria da Silva Dias Chaves, D. Delphina Rosa, D. Maria Theresia da Silveira Lacerda, Antonio Belem de Oliveira, João Gonçalves, Eduardo Augusto Ferreira, José Pinto Duarte, Joaquim Antonio de Carvalho, Augusto Cesar da Fonseca, Alexandre Carlos Bragança, D. Virginia Emma Assumpção Leal, D. Elisa Ramalho, D. Maria da Providencia da Silva, D. Brizida da Conceição Cunha, D. Beatriz Bictor Correia Macieira, D. Maria da Encarnação Vaz, o menino Amândio Monteiro, a menina Palmira Peres, D. Christina da Conceição Silva, D. Maria do Rosario Pereira, D. Anna Margarida Freire Pinhão, D. Gertrudes da Conceição Ferreira, D. Maria Ritta Groth Gamis, D. Emilia Mathilde da Silva Mello, Antonio dos Santos Soares, D. Joaquina de Jesus Alves, Antonio Julio Correia Guedes, D. Miquelina de Vecchy Braamcamp, Luiz Augusto dos Santos, Jayme Magno, Henrique Stathmiller de Saldanha e Albuquerque, João Pedro dos Santos, padre Manuel Correia da Silva e Mello, D. Agueda Maria Cordeiro, Antonio Maria Henriques Flores, Isidro Gonçalves Ribeiro, D. Antonette Elisa Legros, D. Joaquina Martyres Soares, Gentil dos Santos, Joaquim Filipe de Mendonça Lauderet, D. Josephina da Conceição Paulo Fernandes, o recluso da Penitenciaría, Antonio Ribeiro Heleno, natural de Celorico da Beira, D. Theresia de Jesus Teixeira e Faro, João Maria da Fonseca Duarte, D. Virginia Amalia Coelho, D. Francisca Martins, Mexicano, Santiago Moron, José Avillez, Raymundo Vicente de Almeida, D. Maria Constancia da Silva, D. Isabel Leonor da Silveira Rebello, Miguel Antonio da Silva, D. Cecilia Maria da Graça Ferreira, Frederico Bartholomeu, Francisco Antonio Rodrigues, D. Carlota Maria dos Praeres Nunes, D. Marianna Elisa da Fonseca Robertet, a menina Margarida Antunes, Pedro João Frederico, o soldado Manoel Esteves, D. Pilar Nandim de Carvalho, Maria Emilia, Antonio Joaquim Alves, D. Ricarda Maria Edetrudes Neves, Ana de Jesus Ferreira, Pepa Batalha, Salvador Marques, o veterano Simão José da Silva, Jacintho Alberto da Costa Freire, Francisco José de Araújo Sampaio, Augusto Arthur Alves, D. Marianna Guimarães Caldeira, D. Maria-Guilhermina Moura Costa, o maestro Dr. Augusto Gaspar, Joaquim Pereira, Pepa Batalha, Daniel Ferrel, inglez, coronel José Carlos Mello e Minas, D. Virginia Nobre de Carvalho, D. Maria do Carmo Galvão, D. Isabel Malheiro da Cunha, D. Maria Carolina da Silva Pedreira; Francisco Leonardo da Costa, Vicente de Brito Correia, D. Amélia Casal d'Oliveira Rebello, José Antonio Alves, Carlos, o prezo da Penitenciaría, Eduardo Ferreira, natural do Sobral da Lourinhã, D. Palmira Coelho, o industrial Alberto Augusto da Silva, D. Eugenia da Conceição Conrado de Almeida Vieira, D. Maria Christina de Campos Raposo, Luiz Maria de Andrade Arnaut, Julio Augusto Frias Cesar, José da Silva Pacheco, D. Adelaide da Conceição Silva

Prestes, José Cardoso da Cunha, Valdemiro Pereira Rodrigues, José Pereira Cocheiro, D. Guilhermina Isabel Torres Pinto, major Pedro José Serôdio da Veiga.

No Porto: D. Maria Isabel Gonzaga, João Augusto de Seixas, Joaquim Rodrigues, Luiz Wanzeller, Manuel Madeira, padre Luiz Teixeira Barbosa, Antonio Luiz Pimenta, D. Maria da Conceição Guimarães, D. Laura Ludovina Calveiro, D. Laura Maria de Moraes, D. Maria da Conceição Meira Moreira, José Antonio Martins Junior, Antonio Alves Laraireiro, João Claudio de Sousa, José Costa Torres Guimarães, o proprietario Joaquim José Fernandes, Emilia Marques Castro, Loureço de Magalhães, Antonio Joaquim da Silva, D. Nathalia de Almeida Bastos, Antonio Moreira da Rocha Brito, João da Silva Mendonça, ca. João Martins Gaspar.

Em Braga: João Augusto de Seixas Guedes e Castro, D. Maria Galmira Ferreira de Sousa, D. Antonia Maria da Cruz, Antonio Dias.

Em Moncorvo: Francisco Antonio Pires, capitalista que adquiriu a sua fortuna no Rio de Janeiro.

Em Vianna do Castello: D. Joaquina Clara Venancio, D. Amelia da Costa Pereira, D. Francisca Theresia Gomes Marques, proprietaria.

Em Villa Franca: Manuel Rente, negociante.

Em Chaves: Joaquim da Silva Correia, negociante.

Em Aveiro: Francisco Rodrigues da Graça, Antonio da Silva Pereira.

Em Arouca: Padre Manuel Tavares Garrido. Na Azambuja: João Affonso Araújo.

Em Felgueiras: D. Justina Ribeiro Leite de Faria.

Em Leiria: Conselheiro Antonio de Avelino Coelho Sampaio, juiz aposentado; D. Maria Augusta Pereira da Silva, Antonio Rodrigues Junior, commerciante.

Em Santarém: Marianno Ignacio Gomes, D. Carlota Augusta Ferreira Dias.

Em Bragança: Domingos Oschua.

Em Villa Boas: João de Moraes Castro.

Em Coimbra: D. Maria Eduarda Guedes, Adelfino Augusto Vieira, Joaquim Maria Diniz Goulard da Silveira Macedo, D. Maria Henriques Moura.

Em Castanheira de Pera: D. Josephina Henriques Correia.

Em Elvas: José Joaquim do Carmo Coelho. Em Villa do Conde: D. Beatriz Andrade.

Em Celorico da Beira: D. Anna Maria Resende Freire Lima.

Em Vizeu: João Antonio Cavalheiro.

Em Abrantes: Visconde do Tramaçal.

Em Capitania: Cypriano José Nunes.

Em Villa Nova de Paiva: Abbade Sá Marques. Em Espozende: Orlando Rocha Lacerda Mello.

Em Esposende: D. Maria de S. Magalhães.

Em Barcellos: a irmã de caridade Maria Amalia, natural de Setúbal.

Em Vianna do Alentejo: D. Maria José de Sousa.

Na Guarda: Antonio Joaquim Cabreira, Pedro da Silva Tavares Gouveia, Augusto Gonçalves Pereira.

Em Valença: Padre Manuel de Santa Clara, Maria Augusta Perere Brito.

Em Salvaterra de Magos: o lavrador João Antonio Fernandes.

Em Cintra: João Pedro da Costa.

Alcazar do Sal: Antonio Joaquim Ribeiro. Em Monte-mór: Reverendo Augusto Pereira Carneiro.

Em Boliqueime: Moura das Dores Viegas. Nos Arcos de Val de Vez: Antonio Pereira de Castro Caldas.

ANEDOTAS

Entre batoteiros;

—Donde vens?

—De apontar ao rei.

—Um regidiot!

—Não, homem; apontei ao rei... de ouros.

Entre esposos:

—Que tens, que estás tão triste!

—Não sou feliz, Luiz!

—Mas que sombra te escurece o horizonte da tua mocidade?

— Não é sombra... é o diabo das botas, que me fazem vêr as estrellas!

Licor de café Beirão

Approvedo pela illustrada Inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro e Estado do Pará

Celebre remedio contra sezões

Sempre certo!!! Sempre efficaz!!!

O CAFÉ BEIRÃO, ao que se sabe, começou a fazer a sua reputação sózinho, em silencio, sem arruido, até que com os seus proprios merecimentos tendo adquirido uma grande reputação, a sua fama fez echo na imprensa, porque as pessoas curadas quizeram fazer publico o seu reconhecimento, pois a saúde é o melhor dos bens que o céo nos pôde conceder.

O CAFÉ BEIRÃO cura as febres graves agudas, febres palustres, typhos, febre biliosa, cêrbral, febres chronicas, endemicas e contagiosas, febre lenta, nervosa, febre depois do parto ou puerperal, febre proveniente de golpes, queimaduras do sol ou do fogo, de bezigas, sarampo, etc., etc.

O CAFÉ BEIRÃO VERDADEIRO cura as febres intermitentes, maleitas ou sezões, tão radicalmente, com tal promptidão e sem recidivas, que hoje a sua fama de **santo remedio Beirão** é universal.

DEPOSITO

Drogaria Beirão

DE

Carvalho, Leite & C.

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ



VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

London, 1862; Viena, 1873 e Paris 1875 e 1878

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMMERCIO Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, cartulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

COMPANHIA

PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA { Dr. Manoel Gomes Matta
Joaquim Dias Fernandes
Luiz Duprat

SÉDE: RECIFE—RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

Agencia Financial

DE

PORTUGAL

R. 12 General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de jaros da divida publica portugueza, fundada e amortizavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THEOURO PORTUGUEZ) em todas as capitaes de districto e sédes dos concehlos do reino e ilhas adjacentes

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janellas, muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a Installar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MAREIRO



ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultimas novidades ←

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.º

L. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARA

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papalarias, livros em brason, chapéus, harmonicas, cordas para violão, Resinjos, Caixas de musica, Roupas feitas, perfumarias, lute quados. Cotas de viagem, bilheteiros, artigos para presentes.

GRAND RAYON DE MIUDESAS

O sistema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo —juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2, de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 1/2 e commissão de 1/2 1/2 de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 á ordem e 3 1/2, ao prazo de 3 meses; 3 1/2 a 6 e 4 1/2, ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

JOÃO BASTOS & C.ª

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA—Rua da Prata, 14, 1.º



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA —

O 92 da Rua Nova do Almada

tem sempre grande sortimento de chapéus para sol ou chuva, em todas as qualidades assim como bengalas, leques, perfumarias e artigos de novidade. Esta casa é a primeira no seu genero em servir bem e por pouco dinheiro. Nenhum viajante deixe visitar esta casa

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILUSTRADA

acha-se publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. 33\$000 réis, enc. 40\$000 réis. assignatura permanente.—Publicação de uma comprehensiva manual ao preço de 25000 réis franco de porte.

EDITORES: LEM O & C.º ELCCCECECE

Largo de S. Domingos, 63.—PORTO

AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.º — Rua da Quitanda, 33

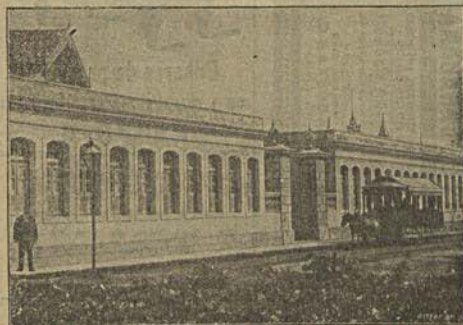
Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim

CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

DICIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Lente da Escola Medico-Cirurgica de Paris

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Fe reira de Silva, D. Antonio Bairoso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carqueja, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Eduardo Sequeira, Ernesto Maia, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Paris, Jayme Filinto, dr. João Palma, Joaquim A. Cambeses, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Queiroz, Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentin de Magalhães, cons. Vence-lau de Lima.



PERNAMBUCO PENSÃO DERBY

Hotel installado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudáveis de Pernambuco.

60 salas e quartos. Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Botes para passeio, etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE — ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço telegraphico—DERBY. Caixa de correio n.º 103. O Dom do Derby passa á porta da Pensão.

V.^{ta} WENCESLAU GUIMARÃES & C.^a

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas
Wenceslau RioCaixa do correio
N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

525252525252525252525252525252

CANDIEIROS

Em todos os generos

Canalizações para agua e gas

Tubos de chumbo,
borracha, lona, latão e ferro.
Louça de ferro esmaltado.
Retretes de varios systemas
Objectos
proprios para brindes

Casa José d' Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA

2525252525252525252525252525252

Livros uteis e instructivos

*EDIÇÕES da EMPREZA EDITORA HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRASIL) — Scrittario da Rocha Pinna — Deade o anno de 1500 até o de 1724 — Revistas e anotadas por J. Gomes Goes, in 8.º grande, 2.ª edição de luxo com 10 grav. e um mapa, broch. 12.500 Em 1/2 encad. franceza 15.500 RESINHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL — Silveira Pinto e Vincente de Sanches de Barros — 2 vol. in-4.º grande, com 150 pag. grav., edição de luxo, com brades de armas no texto, br. 16.200 Em 1/2 chapin, caso especial 20.200 O ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA — Miguel de Cervantes Saavedra — Versão do Visconde de Benalcázar, 2 vol. in-8.º com 150 pag., com 51 grav., broch. 25.800 Em 1/2 encad. franceza 32.500 OS SIERTOS D'AFRICA — Alfredo Sarmiento — Apontamentos de viagem, in-8.º, com 15 grav. e 1 mapa do Ambriz, br. 500 Em 1/2 encad. franceza 800	de F. Arthur da Silva — LISBOA * HISTORIA UNIVERSAL — C. Cantua — Desde a criação do mundo até a nossa epocha. Traduzida por Manoel Fernandes Branco, 13 volumes, in-4.º gr., 2.ª edição, com 91 gravuras, broch. 18.200 Em encad. inteira 24.000 OS ULTIMOS TRINTA ANNOS, 1848 a 1878 — C. Cantua — Versão pelo visconde de Castilho — in-8.º, com 512 paginas e retrato do autor, br. 200 Em encad. inteira ou 1/2 inglesa 12500 DICCIONARIO ENCYCLOPÉDICO OU NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA — B. de M. A. A. G. de Lacerda — Diccionario de synonymos e Vocabulario da lingua Brasileira, 2 vol. broch., 3.ª edição, com 2140 pag. encad. 12.200 HISTORIA DAS PERSEGUIÇÕES POLITICAS E RELIGIOZAS, recordadas e a Hespanha e Portugal, desde a idade média até aos nossos dias — Versão do hespanhol por L. Trindade, 3 vol., in-8.º, com 1124 pag., 4 12 grav. br. 25.100 Em 1/2 encad. franceza 32.500
---	---

Remette-se franco de porte o catalogo illustrado

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

AGENCIA CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, geraes e do Estado, terrenos, accções de Bancos e Companhias, Gambias, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas commerciaes, particulares e em sua agencia

á Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 346

Castro Matta & Irmão

GASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites Portuguezes

ENDEA. TELEGR. «Alda»

C. do Correio 213

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

LA BÉCARRE

F. CARNEIRO & C.^a

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences ao escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49 — LISBOA.

LA UNION Y EL PENIX ESPAÑOL

Capital social 5.000.000,000 rs.

De estatuto pago desde 1864 até 1895

PREMIOS E RESERVAS 5.000.000,000

Seguros contra incendio, applicao de gas

e vapor

Ligneaz Atlanticas & Union Maritime

Companhias francezas contra os riscos maritimos e riscos de transporte de qualquer natureza.

Directores — Lima Mayor & Pizarro

LISBOA — Rua da Prata, 20, 2.º

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7, Rua das Flores — Largo do Quilote

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.^a — Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 823

Trabalhos em todo o genero de gravuras, autotypia, zincographia, chromatypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos de saiz, em todos os trabalhos.

Execução perfeita.



Bilhaires de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Pannos, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade — Cartas, Ventos e Fixas para todos os jogos

Viua de José Alexandre de Senna

28 — Rua Nova do Almada — 28

CASA PUDADA RM 155

LISBOA

Peçon a catalogo illustrado

BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENA ILLUSTRADA

Grande redução no preço da assignatura